

JOICE EVELLYN ALVES TASCA

**A HOMOFOBIA E A APRENDIZAGEM: DESAFIOS E QUESTIONAMENTOS NA
EDUCAÇÃO ESCOLAR**

MARINGÁ-PR

2011

JOICE EVELLYN ALVES TASCA

**A HOMOFOBIA E A APRENDIZAGEM: DESAFIOS E QUESTIONAMENTOS NA
EDUCAÇÃO ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado pelo curso Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

Orientadora: Prof^a. Dra. Eliane Rose Maio

MARINGÁ-PR

2011

JOICE EVELLYN ALVES TASCA

**A HOMOFOBIA E A APRENDIZAGEM: DESAFIOS E QUESTIONAMENTOS NA
EDUCAÇÃO ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Dr^a Eliane Rose Maio.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Eliane Rose Maio

Prof^a Dr^a Patrícia dos Santos Lessa

Prof^a Ms. Luciana Grandini Gonçalves Cabreira

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos/as os/as autores/as que pude ler e assim me deram subsídios para que pudesse concluir o mesmo.

Também o dedico a todas as pessoas que este trabalho poderá contribuir, de alguma maneira, para promover o respeito ao próximo.

Dedico a todas as pessoas que estiveram ao meu lado, me apoiando e dando forças durante esses quatro anos de curso, aos meus pais, pois sem eles eu não estaria aqui, e ao meu noivo que com muita paciência, amor e compreensão me ajudou a finalizar essa etapa tão importante de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Apesar do ato de agradecimento ser destinado às pessoas importantes na minha formação, é difícil não cometer o erro de esquecer alguém. Então desde já peço desculpas àqueles/as que não foram citados/as por falha minha.

Após refletir e tentar me lembrar dos que me ajudaram não só na construção desta monografia, mas também durante os quatro anos de curso, agradeço:

Primeiramente a Deus, por ter me proporcionado sabedoria, dedicação e persistência.

Aos meus pais, por terem me ajudado nos momentos que precisei me dando força e me aconselhando a refletir com discernimento.

À minha família por ter contribuído sempre que necessário com os trabalhos, pesquisas entre outros.

Às minhas amigas de sala de aula pelas alegrias, aprendizagem, companheirismo e cumplicidade durante o curso.

À minha orientadora Eliane Rose Maio, por sua imensa e incomparável dedicação visando à concretização deste trabalho, sempre confiando e me apoiando.

Ao meu noivo por ter estado sempre ao meu lado, me apoiando, incentivando, ajudando quando necessário e dando forças para que eu pudesse concluir este trabalho.

Enfim, a todos vocês que fazem parte da minha vida e que me ajudaram de alguma maneira, muito obrigada.

*“Pensa! O pensamento tem poder.
Mas não adianta só pensar.
Você também tem que dizer!
Diz! Porque as palavras têm poder.
Mas não adianta só dizer.
Você também tem que fazer!
Faz! Porque você só vai saber se o final vai ser feliz depois que tudo acontecer”.*
Gabriel Pensador

RESUMO

Nesta monografia discutimos a importância do ambiente escolar como local de formação de indivíduos, que atualmente é caracterizado por sua diversidade e diferenças, tornando-se um espaço propício às divergências e ao desrespeito a pessoas tidas como diferentes, em específico aos/às homossexuais, que acabam sofrendo com os preconceitos homofóbicos. Objetivamos analisar o que acontece quando a própria escola não sabe, ou não quer lidar com a questão desse preconceito. A pesquisa envolveu autores/as que discutem a temática, juntamente com um questionário destinado aos/às professores/as das redes pública e privada de educação e constatamos que quase todos os/as professores/as que responderam às perguntas não tiveram em sua formação docente nenhum contato com estudos sobre educação sexual e homofobia, sendo assim, estes/as não se sentem aptos/as a trabalharem essa temática no espaço educativo, podendo corroborar com a questão da exclusão escolar dos indivíduos considerados homossexuais.

Palavras-chave: Escola; Homofobia, Formação docente.

ABSTRACT

In this paper we have discussed about the importance of the school environment as the place of individuals upbringing, that nowadays are characterized by their diversity and differences, becoming a favorable space to the divergences and to the disrespect to people who are considered different, specially the homosexuals, that end up suffering with the homophobic prejudices. We are going to analyze what happens when the school itself does not know, or does not want to deal with the prejudice in question. The research involved authors that discuss the thematic, together with a questionnaire that was sent to teachers of private and public nets of education and we have concluded that almost all the teachers that answered the questions have not had a training, no contact with studies about sexual education and homophobia, therefore, they do not feel apt to work on this theme in their classrooms, being able to corroborate with the question of the school exclusion of the Individuals considered homosexuals.

Keywords: School; Homophobia, educational upbringing.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1 - Estudo sobre Educação Sexual	32
Gráfico 2 - Importância de estudos sobre Educação Sexual.	34
Gráfico 3 - Nº de professoras que abordam o tema sexualidade.	35
Gráfico 4 - Importância de se trabalhar homossexualidade e homofobia.	37
Gráfico 5 - Existência de alunos/as homossexuais em sala.....	39
Gráfico 6 - Tendências homossexuais	41
Gráfico 7 - Preconceitos homofóbicos.	42
Gráfico 8 - Aprendizagem e homofobia.....	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FORMAÇÃO DOCENTE: a importância de um estudo crítico	12
2 HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO EDUCATIVO	20
3 METODOLOGIA	26
4 IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	29
4.1 Categorias de análise das perguntas.....	31
4.1.1 Ensino de Educação Sexual na formação acadêmica.....	32
4.1.2 A importância do estudo da Educação Sexual na graduação	33
4.1.3 Abordagens relacionadas às questões de sexualidade em sala de aula	35
4.1.4 Discussões sobre homofobia em sala de aula.....	36
4.1.5 Alunos/as homossexuais presentes em sala de aula	38
4.1.6 Identificação de tendências homossexuais em seus/suas alunos/as	40
4.1.7 Presença de alunos/as homossexuais que sofrem preconceitos homofóbicos dentro do espaço educativo	42
4.1.8 Homofobia e aprendizagem	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	52

INTRODUÇÃO

A escola que deveria ser um local contribuinte da construção de uma consciência crítica, e que deveria se pautar no respeito à diversidade e aos direitos humanos, está se tornando um local propício a graves problemas sociais, logo podemos perceber que este espaço precisa ser repensado, pois para Ferrari (2000), estão ocorrendo muitas mudanças no âmbito social e estas refletem diretamente no cotidiano escolar, acabando por reconfigurar este espaço.

Para que a escola venha a ser um local que preze pelo respeito à diversidade, surge a necessidade de novas problematizações e novos conhecimentos, pois esta com o passar do tempo se tornou um espaço privilegiado de conflitos. Para Abramovay e Rua (2003), a escola atual configura-se em um local de discriminação e preconceito, isso porque muitas pessoas com contextos diferentes se convergem para um único espaço, que conseqüentemente pode gerar atritos e desrespeito.

A escola avançou muito nos últimos anos na discussão sobre várias abordagens, entretanto quando se trata de homossexualidade no ambiente escolar, Abramovay (2004) explicita que os/as professores/as, pais/mães e os/as estudantes não estão preparados/as para lidarem com essa temática, pois muitos/as professores/as silenciam-se diante da discriminação e até colaboram ativamente na reprodução dessa violência.

Para Junqueira (2009) dentro da escola a homossexualidade é tida como invisível, porque não se fala, não se explica, não se trata desse assunto nos livros didáticos nem no currículo. Em muitos casos porque os/as professores/as não têm uma adequada formação relacionada à educação sexual, e em outros casos porque realmente não querem se comprometer com essa temática, porque pensam que essa seja muito complexa e que deve ser trabalhada somente pela família.

Por considerar que a vida escolar é uma das fases mais importantes na vida do ser humano e que a escola tem a responsabilidade de formar cidadãos/ãs conscientes é que esta pesquisa se faz importante. Amparando-se em Junqueira (2009), que aponta que a homofobia afeta o bem-estar subjetivo, interfere no rendimento escolar, produz insegurança, medo,

estigmas, isolamento, faz com que o/a aluno/a se desinteresse pela escola e em muitos casos, proporciona o abandono da mesma.

Em consequência das dificuldades e o desconhecimento que o ambiente escolar enfrenta em referência à homossexualidade, esta pesquisa buscou analisar por meio de bibliografias, livros, artigos acadêmicos, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) que são referências de qualidade para o Ensino Fundamental e Médio do país e ainda por meio de um questionário destinado a 28 professores/as das redes privada e pública, objetivando compreender o porquê a escola não trata de temáticas relacionadas à sexualidade, como o preconceito, o desrespeito às pessoas que são rotuladas diferentes.

Para tanto na primeira seção, intitulada Formação Docente, apresentamos estudos referentes a este tema, bem como sua importância, também apresentamos o complexo percurso que a Educação Sexual realizou para que se efetivasse dentro do espaço educativo, mostrando qual a importância deste para o curso de Pedagogia, e conseqüentemente para que os/as professores/as possam trabalhá-lo dentro da escola.

Na segunda seção intitulada Homossexualidade no Espaço Educativo, apresentamos como a escola lida com preconceitos, em específico a homofobia, se este ambiente se omite e reproduz a prática homofóbica ou se o mesmo auxilia em práticas que vão contra a discriminação.

Na terceira seção intitulada Metodologia, apresentamos todo o processo que utilizamos para a realização da mesma, explicitamos como foi feita a aplicação dos questionários, quem foram os/as professores/as envolvidos/as na mesma, o porquê da pesquisa ser feita em forma de questionário e por ultimo apresentamos qual foi à forma de análise das respostas obtidas por meio dos questionários.

Na quarta seção apresentamos um quadro com a identificação dos sujeitos da pesquisa, explicitamos o porquê da escolha de cada pergunta; gráficos que mostram o percentual das respostas e ainda a análise das respostas obtidas pelos questionários.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, enfatizando a importância destes estudos no curso de formação docente, em específico ao curso de Pedagogia, por se tratar de um curso em que os/as profissionais lidam com pessoas que estão em pleno desenvolvimento psicológico, físico e social.

1 FORMAÇÃO DOCENTE: A IMPORTÂNCIA DE UM ESTUDO CRÍTICO

As questões que permeiam os estudos sobre formação docente são no mínimo complexas, pois sabemos que no início do ato de ensinar o significado que era atribuído ao/à professor/a era o de ensinar a ler, escrever e contar, entretanto Bicudo (2003) aponta que no decurso do século XIX, com as mudanças ocorridas na sociedade, como o desenvolvimento industrial, a complexidade do mundo do comércio, com o início do desenvolvimento de informações e conhecimentos, entre outros aspectos dessa realidade, tornou-se necessário que a educação também mudasse, pois todos/as deveriam estar capacitados/as a participar dessa nova sociedade produtiva.

Assim a educação passou a ter papel fundamental no que diz respeito à responsabilidade social, pois esta não apenas ensinaria trabalhar saberes que foram e são produzidos pela humanidade, mas também deveriam dar o norte quanto à cidadania, ética, vida em coletividade, compreensão do papel político de todos/as, estimulando sempre uma visão crítica, maior engajamento e participação na sociedade em que este indivíduo está inserido.

Portanto para que este/a educador/a consiga desenvolver todas as habilidades que lhe foram incumbidas fica clara a necessidade de uma formação adequada que dê aos/as professores/as subsídios para tal atuação, pois todos/as que pretendem atuar em uma determinada área profissional devem ter uma formação de qualidade.

Gatti (2000) afirma que ensinar é uma prática complexa, pois o/a professor/a lida o tempo todo com condições de desigualdade social frente a seus/suas alunos/as e porque tem de lidar no sistema com diferentes condições de escolarização, e é complexa porque é uma prática social que envolve inter-relação de adultos aprendizes que visa ao desenvolvimento psicológico, social com profundas modificações nos sujeitos envolvidos nesse aprendizado.

Podemos constatar então que uma adequada formação de professores/as se faz importante no sentido que os/as mesmos/as ajudam a moldar o modo de ser do ser humano, tratam de assuntos concernentes do conhecimento, têm como finalidade a educação de outras

pessoas, o que presumimos total responsabilidade, e como aponta Bicudo (2003) o trabalho do/a professor/a interfere na história da sociedade em que este é realizado.

Assim, verificamos que a escola deve tomar consciência de todos os aspectos que fazem parte da atualidade e da vida dos indivíduos, logo a formação de professores/as deveria transmitir aos/às estudantes conhecimentos relevantes para tal atuação, e como aponta Gatti (2000) não é o que vem acontecendo, pois os conteúdos curriculares, como vêm sendo implementados, não oferecem fundamentos e práticas necessárias para se tratar das questões relativas a este nível de ensino.

A formação docente se mostra importante e necessária na medida em que os/as docentes estão em contato diário com seus/as alunos/as e marcando suas vidas, em vários aspectos, tendo em vista que os docentes formam cidadãos/ãs que atuam na área de formação de indivíduos, sendo assim, para que estes possam atuar de forma crítica e consciente na sociedade devem ter conhecimentos referentes às mais complexas particularidades da vida como a sexualidade, que entre outros temas devem ser trabalhados pelas licenciaturas, mas que, entretanto acabam por tratar desse tema superficialmente por alguns/mas professores/as.

Por isso, é inquestionável a importância de que estes temas sejam incluídos de modo coerente na formação inicial e continuada, bem como o estímulo a pesquisa e a divulgação de conhecimentos acerca dessas temáticas por parte dos/as professores/as.

O/a educador/a deve transmitir seus conhecimentos para os/as alunos/as visando proporcionar aos/às mesmos/as o conhecimento elaborado sobre as diversas temáticas que estão implícitas na vida destes/a, para tanto a escola deve proporcionar ao alunado maiores esclarecimentos sobre ética, saúde, pluralidade cultural, meio ambiente, moral e sexualidade, tendo em vista que todos/as acabam tendo uma educação sexual, na família ou em diversos meios sociais, mas essa ocorre de maneira informal.

A seguir, apresentamos a trajetória dos estudos sobre Educação Sexual, destacando e enfatizando a importância da formação docente, em cursos de licenciatura, visando a uma adequada sistematização da temática para que os/as docentes possam atuar de forma consciente no espaço educativo.

A formação docente precisou ser repensada para que viesse a proporcionar melhor educação para os indivíduos, pois as mudanças sociais pediam tal mudança, a Educação Sexual também precisou ser repensada, pois o sexo não poderia mais ser visto como algo impuro e vergonhoso como era visto antigamente, como Figueiró (2010) destaca, que desde o período dos Jesuítas já ouvíamos falar em Educação Sexual, entretanto essa se tratava de uma

educação informal, negativa e castradora, porque o sexo era visto como algo vergonhoso e sujo.

Sexo era algo que não devia ser comentado nem mesmo pela família e menos ainda trabalhado no espaço educativo, com o passar do tempo, nos dias de hoje, esse pensamento esta mudando, tornou-se quase impossível não tratar essa temática no ambiente escolar, pois os/as alunos/as falam, brincam e fazem perguntas o tempo todo sobre sexualidade.

Percebemos então que a maneira como se pensava mudou, por que nos dias de hoje é necessário que o ambiente escolar rompa com a antiga visão que se tinha da sexualidade, e trate desse assunto com seriedade e honestidade, mas para tanto a escola não deve deixar que esta educação leve as pessoas à auto-repressão.

Com a emergência da AIDS, aumenta a preocupação com o fato de a Educação Sexual ser instrumento de repressão, não apenas em relação à possibilidade de vivência da sexualidade com liberdade, mas também em relação ao aumento dos estigmas voltados para as minorias, como por exemplo: homossexuais, travestis, prostitutas e pessoas contaminadas com a AIDS, (FIGUEIRÓ, 2010, p.127).

A Educação Sexual ao contrário da repressão deve levar o indivíduo ao conhecimento, deve proporcionar o fim dos mitos e dos tabus que antes tinha, é válido lembrar que não são apenas homossexuais, travestis ou prostitutas que podem se contaminar com as Doenças Sexualmente Transmissíveis, pois todas as pessoas que mantêm uma vida sexual ativa estão sujeitas à contaminação de doenças.

Para que entendamos como surgiu esta necessidade de uma adequada Educação Sexual, se faz importante apresentarmos aqui como surgiu e todo o processo que colaborou para implementação da temática da sexualidade dentro do espaço educativo.

A Educação Sexual teve em sua defesa, primeiramente muitos educadores/as, médicos/as e estudiosos/as que em 1915 começaram a defendê-la para o combate de Doenças Sexualmente Transmissíveis, para melhorar a saúde das mulheres, entre outros para aumentar o conhecimento destas sobre o assunto, é nessa época que está datada a primeira iniciativa que incluiu a Educação Sexual no currículo escolar, conforme traz Figueiró (2010), exatamente em 1930, no Colégio Batista no Rio de Janeiro, com apresentação de seminários, palestras e trabalhos direcionados a maiores esclarecimentos sobre a temática.

Na década de 60 muitos acontecimentos políticos acabaram fazendo com que houvesse um retrocesso na implantação da Educação Sexual no Brasil, pois nesse período o

país vivia momentos de repressão e autoritarismo, um momento de censura de experiências, sendo assim a temática acabou sendo retirada do currículo, juntamente com o argumento que esse tipo de educação não era prioridade para o espaço educativo.

Constatamos essa afirmação nas falas de Castro e Oliveira (1991 *apud* FIGUEIRÓ, 2010, p.102) afirmando que,

[...] a escola fracassa no mais central que é ensinar a ler, escrever e contar. Antes de pensar em melhorar a educação sexual, meio ambiente ou conteúdo humanista, é preciso assentar todas as baterias no mais essencial: entender o que se lê, comunicar-se corretamente por escrito e lidar com problemas numéricos ou quantitativos do cotidiano. Simplesmente não dá para fazer tudo e a tentação é sempre fazer o mais fácil e o mais em moda.

Para Figueiró (2010) em meados da década de 70, a Educação Sexual no Brasil foi aos poucos reconquistando seu espaço, a partir dessa data vários congressos, pesquisas e eventos científicos foram realizados, também são escritos vários livros relacionados ao tema. É válido salientar que a Educação Sexual daquele período visava mais o aspecto preventivo, e uma melhor compreensão da pessoa.

A mesma autora explicita que esse período de reimplantação da Educação Sexual foi muito polêmico visto que a sociedade se encontrava dividida em relação aos que apoiavam que a Educação Sexual deveria ser transmitida pela escola, os que acreditavam que esta deveria ser ensinada pela família e ainda os que acreditavam que a melhor maneira de se aprender sobre sexualidade seria de maneira natural.

Na década de 80 o país passava por um momento de intensas lutas políticas, nesse período começam a ser desenvolvidas as primeiras publicações relacionadas à temática da sexualidade, estas encaravam a Educação Sexual como atividade política. Uma publicação que merece destaque foi a da autora Maria Amélia Azevedo Goldberg que trata exclusivamente da Educação Sexual vinculada com o compromisso político. Figueiró (2010) aponta que a autora convida seus/suas autores/as a comprometerem-se com varias lutas, como por exemplo, a luta a favor da liberdade sexual, luta contra o autoritarismo sexual e entre elas, a luta contra o preconceito sexual.

Já na década de 90 surge à necessidade de se investir na educação, em sua qualidade, como podemos verificar.

O Banco Mundial na década de 90 (século XX) financiou seis projetos para o Ensino Fundamental, onde enfatizou a necessidade de investir na educação, tanto na qualidade, quanto na administração. Os projetos financiados estavam relacionados à assistência técnica, capacitação dos professores, gestão escolar, fornecimento de materiais didáticos, proposta pedagógica etc. (CHINI, 2011, p.6)

Nesse período o Banco Mundial intervinha na política educacional tanto do Brasil quanto em outros países, fazendo com que esses promovessem reformas curriculares, para que o currículo pudesse corresponder às necessidades da nova realidade, essa que como Chini (2011) aponta, se encontrava em processo de globalização econômica e cultural, logo se necessita estabelecer um novo currículo nacional com conteúdos básicos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental, que tem a educação concedida como condição do exercício de cidadania como explicita Chini (2011, p.10)

A educação na proposta dos PCN é concebida como uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos “desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais [...] condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente.

Como podemos entender, os PCN (BRASIL, 1997) foram criados pretendendo orientar as ações educativas no ensino obrigatório e conseqüentemente melhorar a qualidade dessas nas escolas brasileiras, para tanto se torna necessário preocupar-se com a formação integral do aluno, e como Auad (2005) aponta, a escola seria uma espécie de lugar de aprendizado das relações sociais, por isso contam com os Temas Transversais, que trazem em sua maioria tópicos corresponde a temas como, por exemplo, a sexualidade que, até o momento haviam sido silenciados ou tratados de modo ambíguo, nas práticas escolares e sociais, são problemáticas atuais e que merecem urgências, são consideradas de abrangência nacional e caráter universal, sendo assim podemos verificar que a educação sexual se faz necessária e urgente no espaço educativo.

Os PCN (BRASIL, 1997) visando um adequado trabalho sobre Educação Sexual que sistematize e organize este estudo apontam que o espaço educativo passa a ter o dever de trabalhar com a temática da sexualidade, sendo que essa passa a ser intitulada nos PCN de Orientação Sexual.

Encontramos nos PCN que

[...] o trabalho de Orientação Sexual também implica o tratamento de questões que nem sempre estarão articuladas com as áreas do currículo seja porque são singulares e necessitam de tratamento específico, seja porque permeiam o dia-a-dia na escola das mais diferentes formas, emergindo e exigindo do professor flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhá-las. (BRASIL, 1997, p.308).

Assim se a escola tem uma visão integrada das experiências vividas pelos/as alunos/as, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar e que englobe as diversas dimensões do ser humano.

Encontramos nos PCN (BRASIL, 1997) que o trabalho sistemático de Educação Sexual dentro da escola articula-se, também, com a promoção da saúde das crianças e dos/as adolescentes. A existência desse trabalho possibilita a realização de ações preventivas das Doenças Sexualmente Transmissíveis de forma mais eficaz.

Os PCN (BRASIL, 1997) ainda apontam que a escola, sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, estará se habilitando a interagir com os/as jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade.

Percebemos que muitas são as necessidades para que o/a professor/a trabalhe a temática da sexualidade no espaço educativo, mas sabemos que muito ainda precisa ser feito para que ocorra de fato a implantação dessa nas escolas brasileiras. Desde o seu começo essa educação encontrou vários empecilhos que dificultaram seu desenvolvimento. Assim podemos constatar que seu percurso no cenário brasileiro teve uma construção repleta de inconsistências e fragilidades e passou por muitas interrupções.

Por isso o/a educador/a que opta por realizar um trabalho com a Educação Sexual deve ter em mente que este é complexo, exige muita determinação, vontade e uma reeducação sexual do/a profissional da educação, Figueiró (2010, p.113) aponta que se trata de uma tarefa bastante complexa, pois

[...] educar sexualmente significa levar em conta e ajudar a reconstruir todas as informações e formações (com especial atenção às distorcidas e às negativas) que a pessoa recebeu e vem recebendo na vida, seja na escola, na família ou na sociedade de maneira geral.

A escola deve reeducar os indivíduos para que esses construam informações adequadas referentes à sexualidade, e deixem de lado os mitos e os tabus que a falsa compreensão da temática causa, já que os diferentes meios sociais e até mesmo a escola educam não só por meio de programas planejados, mas também por meio de sua organização e o modo como atuam.

A sexualidade deve ser trabalhada em sala de aula para que os/as professores/as esclareçam suas próprias dúvidas e conseqüentemente a dos/as alunos/as. É visível em nossa sociedade a falta que faz um adequado trabalho da mesma, pois vemos que a sexualidade é tratada de forma deturpada em vários meios midiáticos e em algumas famílias por motivos de vergonha, ou falta de informação, não trabalham essa temática, ficando o espaço educativo responsável a esclarecer dúvidas, quebrar tabus e preparar as pessoas para que elas consigam lidar com sua própria sexualidade e em conseqüência com a de outras pessoas. (MAIO, 2011)

O espaço educativo permite que muitas pessoas de diferentes contextos culturais convivam juntas, por isso este possibilita diferentes olhares a respeito da sexualidade existente em nossa sociedade, este espaço também é o local no qual os indivíduos passam a maior parte de suas vidas, sendo assim a escola deve ser a facilitadora da informação, deve formar o ser crítico e sem preconceitos, um ser que ao atuar na sociedade contribua para sua melhoria, pois como Melo (2009) aponta a escola ensina com tudo o que ela faz, com seus atos ou com suas omissões.

Entretanto, como aponta Felipe (2008), os/as professores/as alegam não terem tido uma adequada formação sobre Educação Sexual. Alguns/mas destes/as profissionais da educação não estão preparados/as para tratarem desta temática dentro de suas salas de aula e acabam por não tocar no assunto, quando são obrigados/as a responderem algo, dão respostas curtas e acabam logo mudando de assunto para não prolongar as conversas e as perguntas, porque não dispõem de informações básicas sobre o mesmo.

A escola acaba tendo receio em tratar de sexualidade com os/as alunos/as, um/a professor/a passa para outro/a a responsabilidade de trabalhar o tema, e geralmente quem acaba por trabalhar esse com o alunado são os/as professores/as de biologia ou de educação física, entretanto para Felipe (2008) estes/as profissionais dão mais ênfase às questões biológicas e falam sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, fazendo com que o sexo cause medo em relação a doenças, e também em relação a morte e acaba gerando muita vergonha às pessoas, desta forma a escola acaba fazendo um retrocesso no tempo e voltando para a década de 1910 em que a sexualidade era vista com vergonha. Esses/as professores/as acabam

ignorando os aspectos históricos, sociais e culturais envolvidos nesse processo de construção de significados.

Contudo, verificamos que o trajeto da Educação Sexual no Brasil foi muito conturbado, repleto de altos e baixos, e que nos dias atuais não devemos deixar que tudo o que foi conquistado retroceda, o/a professor/a deve ter em mente que muitas crianças e adolescentes não tem possibilidades de terem uma adequada discussão sobre sua sexualidade em outros ambientes, para tanto cabe à escola tomar consciência que além de tratar de saúde e moral também tem o papel de transmitir ao alunado conhecimento sistematizado sobre a temática da sexualidade, para que esses possam estar e lidar com questões da sexualidade com consciência.

Sendo assim na próxima seção apresentaremos como os/as professores/as lidam com a temática da homossexualidade no espaço educativo

2 HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO EDUCATIVO

A escola é o local em que se formam pessoas, comportamentos, que se transmitem ou superam preconceitos, conhecimentos e valores. Este espaço apresenta facilidade em tratar de vários assuntos tais como: inclusão social, discriminação social, saúde, entre outros, porém quando se trata de sexualidade ou de preconceito sexual, no caso a homofobia o ambiente educativo muitas vezes se omite e não dá a atenção que deveria ser dada a essas temáticas.

A instituição escolar que antes tinha como único objetivo a transmissão do conhecimento sistematizado precisa ser repensada, pois a sociedade sempre está em constante mudança. Para Ferrari (2000) as modificações no âmbito social refletem diretamente no cotidiano escolar, e acabam por reconfigurar este espaço. A vida escolar é uma das fases mais importantes na vida do ser humano e a responsabilidade da escola é a de formar cidadãos/ãs conscientes e críticos para atuar nessa sociedade em constante transformação, por isso a escola deve ser um espaço que contribua para construção de uma consciência crítica e deve obter práticas pautadas no respeito e na diversidade.

Entretanto percebemos que a escola está deixando de lidar com questões relativas à formação consciente de seus indivíduos, pois ela se omite diante de brigas, palavras de baixo nível e até mesmo diante do preconceito, por isso acaba se tornando um local propício a graves problemas sociais, tais como a homofobia. Este termo é utilizado aqui como um conjunto de emoções negativas, tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo em relação a homossexuais (JUNQUEIRA, 2009).

A escola tem facilidade em tratar de vários temas como já citado acima, entretanto apresenta muita dificuldade em lidar com as temáticas referentes à sexualidade, como aponta Braga

As manifestações sexuais que aparecem na escola demonstram, a cada momento, as dificuldades que as instituições educativas apresentam quando tratam da temática da sexualidade em seu cotidiano. Uma proposta de orientação sexual adequada, consciente e emancipadora poderia contribuir para o objetivo de tornar toda a comunidade

educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento na área da sexualidade. (BRAGA, 2010, p.297).

Para que a escola venha a ser um local que preze pelo respeito à diversidade, surge a necessidade de novas problematizações e novos conhecimentos. A escola com o passar do tempo se tornou um espaço privilegiado de conflitos e estranhamentos, pois nesse espaço se agrupam pessoas com diferentes etnias, religião, gênero, entre outras, e por isso como apontam Abramovay e Rua (2003), a escola atual configura-se um local de discriminação e preconceito, e muitos/as professores/as silenciam-se diante à discriminação e até colaboram ativamente na reprodução dessa violência.

Para Junqueira (2009) dentro da escola a homossexualidade é tida como invisível, porque não se fala, não se explica, não se trata desse assunto de forma adequada nem nos livros didáticos e muito menos no currículo. Para Felipe e Bello (2009) o silenciamento em relação à sexualidade é muito comum em especial na Educação Infantil, pois nesse espaço se teme que o simples fato de falar sobre tais temáticas suscite mais curiosidade nos/as alunos/as encorajando nesses/as assim determinadas práticas indesejadas.

Sendo assim, a escola atual configura-se um local de discriminação, preconceito e acaba omitindo e transmitindo os mesmos.

Os/as professores/as acabam por transmitir discriminação e preconceito por não saber como lidar com a sexualidade ou por que não querem lidar com essa temática, muitos/as professores/as não sabem como abordar os temas relativos à sexualidade e menos ainda sobre homossexualidade, outros ainda acreditam que homossexualidade seja uma doença e muitos não desejam ter pessoas homossexuais no mesmo espaço.

Como podemos constatar por meio de uma pesquisa realizada pela UNESCO, apresentada no Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil sem Homofobia (BRASIL, 2004, p.17)

A pesquisa envolve estudantes brasileiros do ensino fundamental, seus pais e professores. Essa pesquisa, realizada em quatorze capitais brasileiras, também, revelou que mais de um terço de pais de alunos não gostaria que homossexuais fossem colegas de escola de seus filhos (taxa que sobe para 46.4%, em Recife), sendo que aproximadamente um quarto dos alunos entrevistados declara essa mesma percepção.

Logo percebemos o quanto o/a homossexual sofre com os diferentes tipos de discriminação, e que muitas pessoas não gostariam sequer que seus/suas filhos/as fossem colegas de classe desses/as alunos/as, entretanto o que vimos notando nos últimos anos, não são apenas discriminações verbais, mas sim que o indivíduo chegou ao cúmulo de tentar exterminar, acabar com aquilo de que ele não gosta, como se esse tivesse em suas mãos o poder de acabar com tudo o que não é de seu agrado, tudo o que esse não vê como certo, assim como também podemos constatar no Conselho Nacional de Combate à Discriminação, Brasil sem Homofobia que apresenta (BRASIL, 2004, p. 18)

Para além da situação extrema do assassinato, muitas outras formas de violência vêm sendo apontadas, envolvendo familiares, vizinhos, colegas de trabalho ou de instituições públicas como a escola, as forças armadas, a justiça ou a polícia. Pesquisas recentes sobre a violência que atinge homossexuais dão uma idéia mais precisa sobre as dinâmicas mais silenciosas e cotidiana da homofobia, que englobam a humilhação, a ofensa e a extorsão. Pesquisa realizada sobre o Disque Defesa Homossexual (DDH), da Secretaria de Segurança do Estado Rio de Janeiro, revelou que nos primeiros dezoito meses de existência do serviço (junho/1999 a dezembro/2000), foram recebidas 500 denúncias, demonstrando que além de um número significativo de assassinatos (6.3%), foram frequentes as denúncias de discriminação (20.2%), agressão física (18.7 %) e extorsão (10.3 %).

Diante do individualismo atual muitos não respeitam nada e ninguém, fazem o que querem sem ao menos se preocupar com o que as pessoas sentem, quer ou gostam, o individualismo tomou conta da atualidade, então cabe à escola tentar mudar ou minimizar esse quadro, buscando formar indivíduos capazes de conviver com pessoas de diferentes gêneros, religião, desejo sexual, entre outras, sem preconceito.

Entretanto sabemos que a escola também tem demonstrado ter preconceito, tem desrespeitado constantemente o/a homossexual e até mesmo aos/as adolescentes que aos olhos leigos de professores/as que não entendem o mínimo do assunto, apresentam características homossexuais.

Muitas escolas acabam ignorando a homossexualidade, e o preconceito que atinge aos homossexuais, ou seja a homofobia, esta que é o lugar de transmissão de conhecimentos, mas em relação à homossexualidade, é o lugar do desconhecimento e em muitos casos da ignorância. A escola ao ignorar esse preconceito, esquece que a homofobia afeta o bem-estar subjetivo, e como aponta Junqueira (2009), interfere no rendimento escolar, produz

insegurança, medo, estigmas, isolamento tornando possível que o/a aluno/a se desinteresse pela mesma e em muitos casos proporciona o abandono da escola.

Junqueira (2009) ainda chama nossa atenção para explicitar que embora afirmemos que a homofobia produza efeito sobre todos os/as alunos/as, é inquestionável que produz muito mais efeito nos que vivenciam o processo de construção identitária sexual, pois a homofobia exerce nos/as alunos/as um efeito de privação de direitos sobre cada um/a desses/as, gerando muitos prejuízos psicológicos e físicos.

Esses/as alunos/as podem se sentir tão humilhados/as e constrangidos/as com o tratamento que recebem que acabam não sentindo vontade de participar desse espaço, que é tão importante na vida de todos.

Assim dentro do espaço educativo podemos notar que muitos/as alunos/as para não ficarem excluídos/as acabam sendo obrigados/as a sempre apresentarem algo a mais para que assim possam ser tratados/as como iguais aos/às outros/as.

O/A professor/a que deveria ser o/a primeiro/a a perceber esses comportamentos, não o faz pelo simples fato que não está apto para tal atuação, ou porque pensa ser melhor que um/a aluno/a esteja quieto/a e sem conversar do que quando está interagindo com outros/as, ou ao olhar do/a professor/a está fazendo bagunça, porque assim o/a aluno/a não perturbará a sala e este/a poderá continuar a ministrar suas aulas sem o menor problema, entretanto se esquecem que os/as alunos/as que merecem atenção são os/as que se encontram calados/as, os/as que não gostam de falar em público e os/as que não interagem com os/as demais colegas de sala.

Por isso com um adequado trabalho dentro do espaço educativo sobre a sexualidade, o preconceito e seus estigmas se tentariam minimizar as inúmeras dificuldades que ainda são encontradas na abordagem de aspectos da mesma e ainda levaria esclarecimentos sexuais adequados aos/às que estão envolvidos/as no processo educativo, assim como verificamos em Junqueira (2009, p.13)

A diversidade sexual não é um tema a ser forçosamente discutido em sala de aula devido a concepções teóricas sobre o ser humano e a sexualidade: é um tema a ser discutido porque se faz presente na realidade social, e sua presença é marcada por uma moralidade hegemônica heteronormativa, que se desdobra em sérios prejuízos sociais e violação de direitos para muitos.

O ambiente educativo necessita que os/as professores/as saibam trabalhar as temáticas referentes à sexualidade, sobretudo para que esclareçam suas próprias dúvidas e

consequentemente a dos/as alunos/as, é visível em nossa sociedade a falta que faz um adequado trabalho da mesma, pois a todos os momentos vemos que a sexualidade tanto em meios midiáticos, como nas rodas de conversas é tratada de forma equivocada, vemos a todo momento desrespeito e intolerância entre os/as alunos/as. (BRAGA, 2010)

Entretanto é importante lembrar que esse objetivo não pode ser atingido se os/as professores/as não são formados/as para tal. Infelizmente os cursos de licenciaturas não dão enfoque adequado à Educação Sexual. Muitos/as professores/as não se interessam, alguns/mas até criticam e falam que trabalhar sexualidade e preconceito não é problema da escola e sim da família, ou de outras instâncias sociais, entretanto devemos ter em mente que o trabalho com a Educação Sexual dentro do espaço educativo não substitui nem concorre com a função da família, ou de outras instâncias, mas sim a complementa, como apontam os PCN (BRASIL, 1997).

Sabemos que a escola é o local em que buscamos informações, conhecimento, por isso ela tem que deixar de ser um espaço que deturpa a sexualidade, para se tornar um local que aconselha, conversa, explica e desmistifica tabus, retira medos e inseguranças, que seja seguro para todos/as os/as seus/suas integrantes, pois nos dias de hoje é inconcebível que profissionais da educação se sintam envergonhados/as, não se sintam aptos/as ou ainda que tirem de si a responsabilidade de trabalhar e lidar com questões referentes à sexualidade. (BRASIL, 1997)

Infelizmente sabemos que falta muito para que esse trabalho, adequado consciente e verdadeiro sobre sexualidade seja realizado dentro dos espaços educativos, ainda faltam aos/às profissionais da educação muita clareza, discernimento, curiosidade e uma adequada formação para tal atuação e posicionamento sobre essa temática, assim como aponta Bonato (1996 *apud* BRAGA, 2010, p.157).

Ainda há nas faculdades de educação certo mutismo sobre a questão. Os pedagogos e professores não vêm se colocando como interlocutores com outros profissionais que vêm falando, de uma forma ou de outra, sobre sexualidade. Dessa maneira, se omitem em pensar em uma das mais antigas e importantes formas de expressão do homem neste mundo- a sexualidade. A universidade é um local de produção de conhecimento; no entanto, o currículo de formação do professor e do especialista se exime do tema.

Contudo, percebemos que o debate no espaço educativo sobre sexualidade é de extrema importância e se faz urgente, visto que todas as questões que estão interligadas a essa temática são relevantes à sociedade, aos seus indivíduos e cabe aos/às profissionais da

educação, que são os/as formadores/as de identidades, lutar por um adequado trabalho de Educação Sexual que vise cidadania e respeito entre as pessoas.

Para alcançar e problematizar estes objetivos apresentamos na próxima seção a Metodologia utilizada para elaboração desse trabalho e todo o processo percorrido para sua realização.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Maringá, Paraná, e esta envolveu autores/as que discutem a temática da formação docente e da homossexualidade no espaço educativo, juntamente com um questionário (APENDICE II) destinado aos/às professores/as da Educação Fundamental de 1º ao 5º ano.

A aplicação de questionários é uma técnica importante em pesquisas na área de Ciências Humanas. Ele é definido por Lakatos e Marconi (1999 *apud* MARAVIESKI e REIS, 2008) como um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidos por escrito e sem a interferência do/a pesquisador/a.

Antes da aplicação, o questionário passou pelo Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Estadual de Maringá pela resolução nº. 196, de 10 de outubro de 1996, sob o nº do protocolo CAAE 0214.0.093.000-11.

Nessa pesquisa, foram envolvidos/as professores/as das redes de ensino pública e privada. Inicialmente havíamos calculado 40 professores/as para a realização da mesma, sendo que 20 professores/as seriam da rede pública e 20 professores/as da rede privada, entretanto devido a diferentes justificativas dadas pelas escolas, como por exemplo, “esta temática não se inclui nos objetivos do colégio, ou ainda, estaremos perto da finalização do bimestre, sendo assim os professores não terão tempo, outros colégios ainda falaram que a pessoa responsável por permitir que Trabalhos de Conclusão de Curso fossem realizados na escola, estaria viajando e por isso não seria possível a realização da mesma.”

Devido às justificativas citadas acima e a recomendação de alguns/mas diretores/as, deixamos o questionário nas escolas para que todos/as os/as professores/as que se dispusessem a respondê-lo, o fizessem, assim os/as professores/as não foram obrigados/as e sim convidados/as a responder o mesmo, sendo assim foi possível a realização da pesquisa apenas com 18 professores/as da rede pública e 10 professores/as da rede privada, sendo que todos/as os questionários foram deixados a todos/as sem distinção de gênero, entretanto todos/as os/as professores/as que responderam o questionário são do gênero feminino.

No total de 30 questionários, que foram possíveis ser entregues, 28 foram respondidos, sendo assim apenas 2 professores/as não puderam ou não quiseram responder o mesmo.

Essa forma de pesquisa foi escolhida devido à temática não ser bem aceita por muitas pessoas, e muitos/as professores/as não se sentiram à vontade em falar da mesma. A importância de se utilizar esta técnica, para Boni e Quaresma (2005) é que ela não necessita que o/a pesquisador/a esteja junto do/a pesquisado/a para que este/a escreva suas respostas, sendo assim essa tende a ser bem aceita por quem responde, pois garante também o anonimato.

O questionário se faz importante por que

[...] possibilita uma maior sistematização dos resultados fornecidos, permite uma maior facilidade de análise bem como reduz o tempo que é necessário para recolher e analisar os dados. Este método apresenta ainda vantagens relacionadas com o custo, sendo este menor do que outros tipos de pesquisas. (AMARO; PÓVOA e MACEDO, 2004/2005, p.8).

Importante salientar que todas as professoras que responderam os questionários, não tiveram sua identidade revelada por motivos éticos. Os nomes somente aparecem no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE I) que cada professor/a assinou quando o respondeu, e este não é divulgado.

Em uma pesquisa devem ser levados em conta todos os fatores que implicam na realização da mesma, pois como Lakatos e Marconi (1999 *apud* MARAVIESKI e REIS, 2008) afirmam, tanto métodos quanto técnicas de pesquisa devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato.

Diante das especificidades citadas, o tipo de pesquisa escolhida para esse trabalho foi à pesquisa exploratória que para Ponte et al. (2006) foca na maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a facilitar a construção de hipóteses. Esse tipo de pesquisa tem como principal objetivo o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

A pesquisa exploratória é extremamente flexível, de modo que todos os fatos estudados têm importância. Grande parte das pesquisas desse tipo envolve levantamento bibliográfico, documental e entrevista ou questionário envolvendo pessoas que tiveram alguma experiência com o problema em questão.

Sendo assim os tipos de questões escolhidas para o questionário foram às questões abertas que dão oportunidade para quem responde de expressar suas opiniões sem a restrição de uma resposta previamente definida, permitindo a quem responde maior liberdade de expressão, esse tipo de pergunta ainda contém algumas vantagens para o/a pesquisador/a, como:

- Surgimento de respostas mais variadas;
- Respostas mais representativas e fiéis da opinião do inquirido;
- O inquirido concentra-se mais sobre a questão;
- É Vantajoso para o investigador, pois lhe permite recolher variada informação sobre o tema em questão. (AMARO; PÓVOA e MACEDO, 2004/2005, p.4-5)

Para orientação no processo de análise dos questionários, esta pesquisa apóia-se em Bardin (2007) como referência principal, que trabalha com a técnica da análise de conteúdo, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos e constitui-se em um bom instrumento de indução para investigação das causas.

Para Bardin, os textos escritos nas pesquisas têm

[...] mensagens obscuras que exigem uma interpretação, mensagens com um duplo sentido cuja significação profunda só pode surgir depois de uma observação cuidadosa ou de uma intuição carismática. Por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar. (BARDIN, 2007, p.31)

Contudo verificamos que a pesquisa realizada com o auxílio de questionários trazem muitas vantagens tanto para o/a pesquisador/a, quanto para o/a pesquisado/a, tornando assim a pesquisa mais interessante e agradável para ambas as partes.

Sendo assim é importante que após a pesquisa as análises sejam feitas com muita atenção e criticidade, para que nenhum detalhe passe despercebido, pois como Bardin (2007) aponta todos os resultados devem ser tratados de maneira a serem significativos e válidos, para tanto se faz necessário que os questionários passem por uma ou mais observações e que essas sejam extremamente cuidadosas.

4 IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada com 28 professoras, sendo 18 da rede privada e 10 da rede pública de ensino. Reiteramos que somente professoras do gênero feminino responderam ao nosso questionário, e que os nomes que aparecem no quadro de identificação dos sujeitos da pesquisa são fictícios, para que suas identidades sejam preservadas.

As lacunas que estão com as siglas SR (Sem Resposta) não foram respondidas pelos participantes da pesquisa.

Apresentamos abaixo o quadro que traz a identificação das professoras que se dispuseram a responder ao questionário desta pesquisa.

NOME	SEXO	IDA DE	ESCOLARIZAÇÃO	TEMPO DE MAGISTÉRI O	DISCIPLIN A QUE MINISTRA	REDE DE ENSINO
Maria	Feminino	37	Pedagogia	8 anos	Alfabetização	Rede pública
Joana	Feminino	40	Cursando Pedagogia	10 anos	Alfabetização	Rede pública
Lucia	Feminino	26	Pedagogia	4 anos	Alfabetização	Rede pública
Juliana	Feminino	39	Superior Completo	20 anos	Ensino Fundamental	Rede pública
Márcia	Feminino	39	Pedagogia	11 anos	1º ao 5º ano	Rede pública
Regina	Feminino	59	Pedagogia	21 anos	Ensino Fundamental	Rede pública
Amanda	Feminino	47	3º grau	26 anos	1ª a 4ª série	Rede pública
Julia	Feminino	53	Pedagogia	22 anos	1º ao 5º ano	Rede pública
Monica	Feminino	42	Pedagogia	20 anos	Ensino Fundamental	Rede pública
Rose	Feminino	28	Pedagogia	6 anos	1º ao 4º ano	Rede pública
Sueli	Feminino	44	Pedagogia	10 anos	2º ano	Rede pública

Jandira	Feminino	37	Pedagogia	15 anos	Ensino Fundamental	Rede pública
Mariana	Feminino	38	Pedagogia	15 anos	Ensino Fundamental	Rede pública
Carol	Feminino	31	Pedagogia	22 anos	Artes	Rede pública
Valéria	Feminino	34	Pedagogia	8 anos	3º ano	Rede pública
Vanessa	Feminino	45	Pedagogia	6 anos	1ª a 4ª série	Rede pública
Talita	Feminino	26	Pedagogia	6 anos	1º ao 4º anos	Rede pública
Jessica	Feminino	43	Pedagogia	17 anos	Ed. Infantil e Ensino Fundamental	Rede pública
Irma	Feminino	44	História	23 anos	2º ano dos 9	Rede privada
Mayara	Feminino	26	Pós-graduação	7 anos	Ensino Fundamental	Rede privada
Nadir	Feminino	47	Pedagogia	20 anos	5º ano	Rede privada
Neide	Feminino	40	Pedagogia	20 anos	1ª a 4ª série	Rede privada
Nair	Feminino	SR	SR	SR	SR	Rede privada
Mariza	Feminino	SR	SR	SR	SR	Rede privada
Solange	Feminino	SR	SR	SR	SR	Rede privada
Meire	Feminino	33	Pós-graduação	15 anos	5º ano	Rede privada
Magali	Feminino	39	Pedagogia	20 anos	Ensino Fundamental	Rede privada
Alana	Feminino	24	Pedagogia	3 anos	Ensino Fundamental e Ensino Religioso	Rede privada

QUADRO 1: IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Com a apresentação do quadro de identificação dos sujeitos da pesquisa verificamos que a totalidade é do sexo feminino, lembrando que os questionários foram disponibilizados para ambos os gêneros, porém só foram respondidos por mulheres.

Em relação à idade, podemos verificar que elas apresentam idade entre 24 e 59 anos, assim constatamos que entre as participantes, as idades se mesclam, mas a faixa etária que mais se destaca é a de 31 a 47 anos, denotando serem pessoas jovens, que até poderiam ter mais esclarecimentos quanto à temática explorada: homofobia no espaço educativo.

Em referência à escolarização das professoras constatamos que, em sua maioria, estão cursando ou cursaram o curso de Pedagogia. Há poucas professoras cursando Pós-graduação ou que cursaram outras Licenciaturas, como por exemplo, o curso de História.

Quanto ao tempo de Magistério é possível verificar que este varia entre 3 e 26 anos de atuação.

Em relação à disciplina que essas participantes ministram, constatamos que em sua maioria se trata da Alfabetização, ou do ensino do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental.

Ao visualizarmos este quadro, constatamos que as professoras têm formação acadêmica, como pós-graduação e mais tempo exercendo a profissão, o que nos indicaria que pela experiência deveriam ter uma maior compreensão e tolerância ao tema estudado. O que não se configurou na análise das respostas, como veremos abaixo.

4.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS PERGUNTAS

O percurso de análise constituído nessa pesquisa parte da referência em Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2007) que configura a mesma como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Para a autora todos os resultados de uma pesquisa devem ser tratados de maneira a serem significativos e válidos, para tanto se faz necessário que os questionários passem por uma ou mais observações e que essas sejam extremamente cuidadosas.

Assim se torna interessante apresentarmos aqui uma categoria de análise das respostas obtidas nos questionários que foram respondidos pelas professoras das redes públicas e privada do Ensino Fundamental.

Para facilitar a análise das perguntas, subdividimos em oito categorias, a saber:

- a) Ensino de Educação Sexual na formação acadêmica
- b) A importância do estudo da Educação Sexual na graduação
- c) Abordagens relacionadas às questões de sexualidade em sala de aula
- d) Discussões sobre homofobia em sala de aula
- e) Alunos/as homossexuais presentes em sala de aula
- f) Identificação de tendências homossexuais em seus/suas alunos/as
- g) Presença de alunos/as homossexuais que sofrem preconceitos homofóbicos dentro do espaço educativo

h) Homofobia e aprendizagem

41.1. Ensino de Educação Sexual na formação acadêmica

Esta pergunta fizemos às professoras com o intuito de verificar se elas têm ou não uma formação sobre Educação Sexual em sua formação acadêmica, visto que muitas consideram-se pouco preparadas para tratar dessa temática dentro do espaço educativo.

Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

- 18 Professoras responderam não ter tido qualquer estudo sobre Educação Sexual no período de sua formação acadêmica.
- 3 Professoras responderam que sim, tiveram estudos sobre Educação Sexual, entretanto por meio de mini-palestras e/ou cursos e ainda algumas matérias que relacionavam questões de sexualidade com o corpo humano, órgãos genitais etc.
- 8 Professoras responderam que sim, tiveram estudos sobre Educação Sexual, entretanto muito superficialmente, ora por meio de temas isolados, por debates, em seminários, em outros casos pelo/a professor/a de Ciências, para entender sobre procriação.

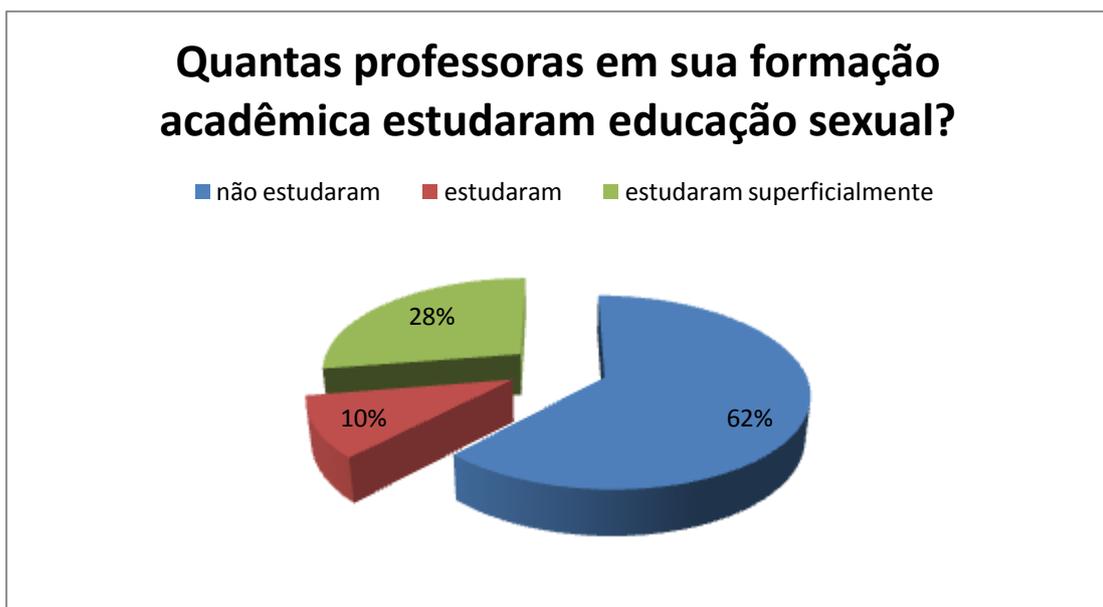


Gráfico 1 - Estudos sobre Educação Sexual

Felipe (2008) argumenta que os/as professores/as que não tratam de sexualidade no espaço educativo alegam não terem tido uma adequada formação sobre Educação Sexual,

sendo assim estes/as profissionais da educação não estão preparados/as para tratarem desta temática dentro de suas salas de aula e acabam por não tocar no assunto, porque não dispõem de informações básicas sobre o mesmo.

Assim como vimos nas respostas dos questionários, quando 18 professoras responderam que não tiveram nenhum contato com essa temática na formação docente, e dentre as que tiveram, 3 professoras alegam ter sido por meio de palestras ou cursos fora da instituição, e ainda 8 professoras responderam que tiveram contato com a temática da sexualidade por meio de discussões que não tratavam do tema adequadamente. Em consequência disso verificamos que se torna quase impossível que essas professoras possam tratar de sexualidade adequadamente conseguindo esclarecer dúvidas e até mesmo contribuir com o fim do preconceito em sala de aula, pela falta de uma adequada formação docente em seus cursos de licenciatura, enfatizando os temas de gênero e diversidade sexual.

4.1.2. A importância do estudo da Educação Sexual na graduação

A pergunta em questão foi feita as professoras para verificar se concordam ou não que a Educação Sexual se faz importante na formação docente da Educação Infantil ao Ensino Médio, tendo em vista que os/as professores/as só poderão esclarecer de maneira adequada às dúvidas de seus/suas alunos/as se estes/as tiveram ou têm estudos referentes à sexualidade, gênero e diversidade sexual.

Você acha importante ter estudos sobre Educação Sexual nas graduações?

- 1 Professora acredita que não, pois diz que todos/as os/as alunos/as já deveriam ter essa formação, e que deveriam ser passados pela família e pela Igreja.
- 3 Professoras acreditam que sim, entretanto por não terem tido um estudo específico sobre a temática se sentem com dúvidas referentes à metodologia a qual deveriam adotar, e sentem que esse ainda é um assunto polêmico.
- 24 Professoras acreditam que sim, por vários motivos, que seja para que se tenha mais conhecimento e esclarecimentos sobre a temática, para que todos/as estejam atualizados/as mediante às questões do cotidiano, porque é um tema atual da realidade escolar. Enfatizam que assim as pessoas passariam a respeitar o pensamento do/a outro/a, para a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis e ainda para que os/as professores/as aprendam a lidar com a homossexualidade.

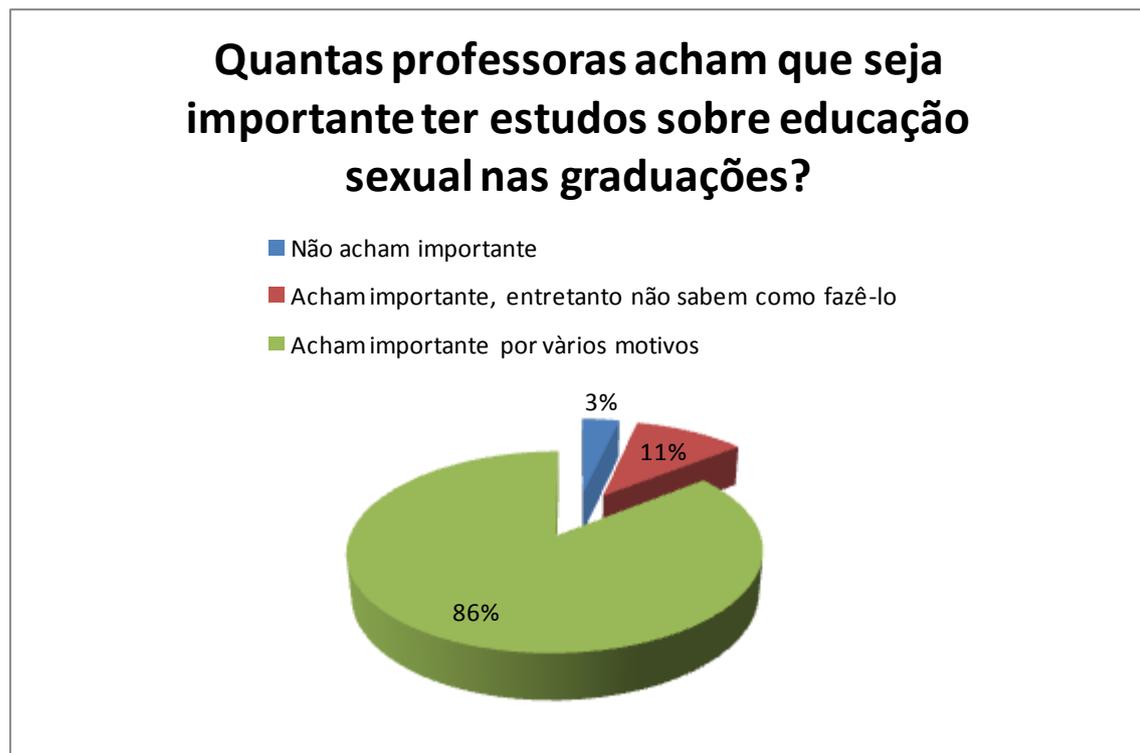


Gráfico 2 - Importância de estudos sobre Educação Sexual.

Conforme aponta Junqueira (2009) muitas perguntas aparecem quando o assunto homossexualidade é destinado aos/às professores/as, porque eles/as não contam com diretrizes adequadas sobre essa temática, por isso não sabem como lidar com diferentes situações relacionadas às dificuldades encontradas por homossexuais dentro das salas de aulas.

Assim, o autor enfatiza que é inquestionável a importância de medidas voltadas a oferecer aos/às profissionais da educação, diretrizes consistentes que incluam de modo coerente tais temas em sua formação inicial e continuada, assim como também esses/as profissionais devam ser estimulados/as a realizarem pesquisas e divulgarem conhecimentos acerca da homofobia, da sua extensão e dos modos de desestabilizá-la, para que venham a contribuir de maneira positiva em relação aos preconceitos dentro do espaço educativo.

Podemos perceber essa afirmação nas respostas das 3 professoras que apontam que por não terem tido um estudo específico sobre sexualidade se sentem com dúvidas referentes à metodologia que deveriam adotar.

As demais 24 professoras apontam que ter estudos sobre Educação Sexual na graduação seria importante porque assim teriam mais conhecimento e esclarecimentos sobre a temática, também para que mais pessoas passem a respeitar o pensamento do/a outro/a e ainda para que os/as professores/as aprendam a lidar com a homossexualidade.

4.1.3. Abordagens relacionadas às questões de sexualidade em sala de aula

Por meio dessa pergunta, buscamos verificar se as professoras abordam questões relacionadas à sexualidade dentro das salas de aula, e como fazem essa abordagem e se ela acontece porque está incluída no planejamento do/a professor/a ou se ocorre apenas quando algum/ma aluno/a faz perguntas referentes ao tema, ou ainda se o tema sexualidade não é de forma alguma abordado dentro das salas de aula.

Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

- 15 Professoras abordam essas questões com seus alunos/as quando pensam que é necessário, por meio das aulas de Ciências sobre o sistema reprodutor, ou quando tratam da higiene corporal, ou ainda quando os/as alunos/as fazem alguma pergunta relacionada ao tema, entretanto não se aprofundam na temática, pois procuram apenas responder o que eles/as perguntam.
- 12 Professoras não acham necessário abordar questões relacionadas à sexualidade, por se tratar de um assunto muito delicado.
- 1 Professora respondeu que em todos os momentos e que tem facilidade em tratar dessa temática.

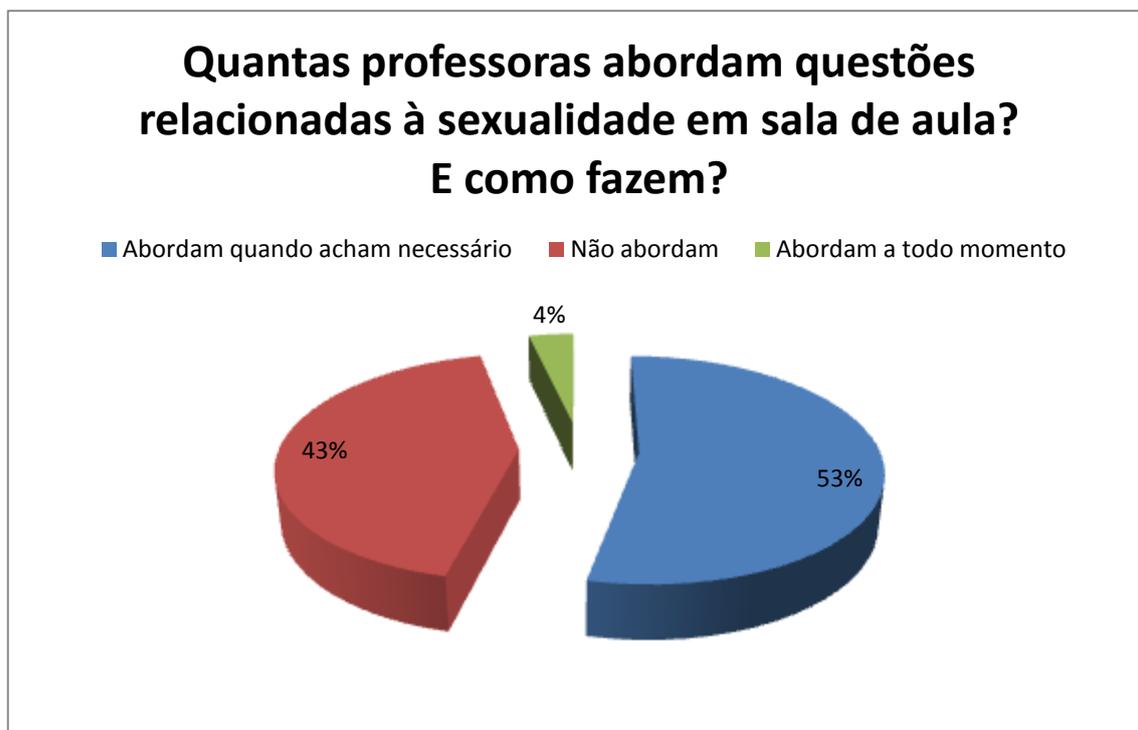


Gráfico 3 - N° de professoras que abordam o tema sexualidade.

Os PCN (BRASIL, 1997) apontam que seja um trabalho consciente, sistemático e organizado de Orientação Sexual possibilitaria a realização de ações que poderiam prevenir Doenças Sexualmente Transmissíveis e ainda o espaço educativo sendo capaz de incluir discussões referentes à sexualidade dentro do seu espaço, estaria se habilitando a obter uma maior interação com os/as jovens, tendo em vista que essa etapa da vida é cheia de incertezas, curiosidade e é tão importante para a construção da identidade dos mesmos/as.

Entretanto por meio das respostas obtidas nos questionários constatamos que a escola ainda tem receio ou vergonha em tratar de sexualidade com os/as alunos/as, e os/as professores/as acabam passando para outros/as a responsabilidade desse trabalho, então quem acaba por trabalhar esse com o alunado passa a ser os/as professores de Biologia ou de Educação Física, entretanto para Furlani (2008) esses/as professores/as dão ênfase às questões biológicas, como podemos perceber nas respostas das 15 professoras que só abordam essas questões com seus/as alunos/as quando pensam que é necessário, por meio das aulas do sistema reprodutor, ou quando tratam da higiene corporal, ou ainda quando os/as alunos/as fazem alguma pergunta relacionada ao tema, entretanto não se aprofundam na temática, pois procuram apenas responder ao que eles/as perguntam.

Nesse caso as professoras ainda tratam da sexualidade em sala de aula, mesmo que isso ocorra inadequadamente, o pior é quando constatamos que as professoras não tratam dessa temática, como as 12 professoras que responderam que não acham necessário abordar questões relacionadas à sexualidade, por se tratar de um assunto muito delicado.

Pensamos que é inconcebível um/a professor/a pensar isso, pois sabemos que a escola é o local para se trabalhar todas as temáticas referentes à vida das pessoas e ter por dever esclarecer as dúvidas que o alunado venha a ter.

4.1.4. Discussões sobre homofobia em sala de aula

Essa pergunta se faz necessária para que se verifique se as professoras estão tratando de temas relacionados ao preconceito, se estão desmistificando tabus, contribuindo assim para que seus/as alunos/as se tornem indivíduos sem preconceitos e que saibam lidar e conviver com as pessoas independente de serem ou não do jeito que a maioria das pessoas espera que elas sejam, pois a escola tem por dever formar indivíduos críticos e aptos a viverem na sociedade em meio às diferenças.

Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia?

- 7 Professoras responderam que não, pois não acham que seja importante, e que não saberiam responder às perguntas dos/as alunos/as. Estas professoras pensam que essa função seja da família e ainda porque não acham que essa abordagem seja necessária.
- 21 Professoras responderam que sim, pois acham importante trabalhar temáticas relacionadas ao preconceito, porque a escola deve trabalhar todas as temáticas, também para que haja respeito entre os indivíduos independente de suas escolhas e para mostrar aos/às alunos/as que suas escolhas têm sempre conseqüências.

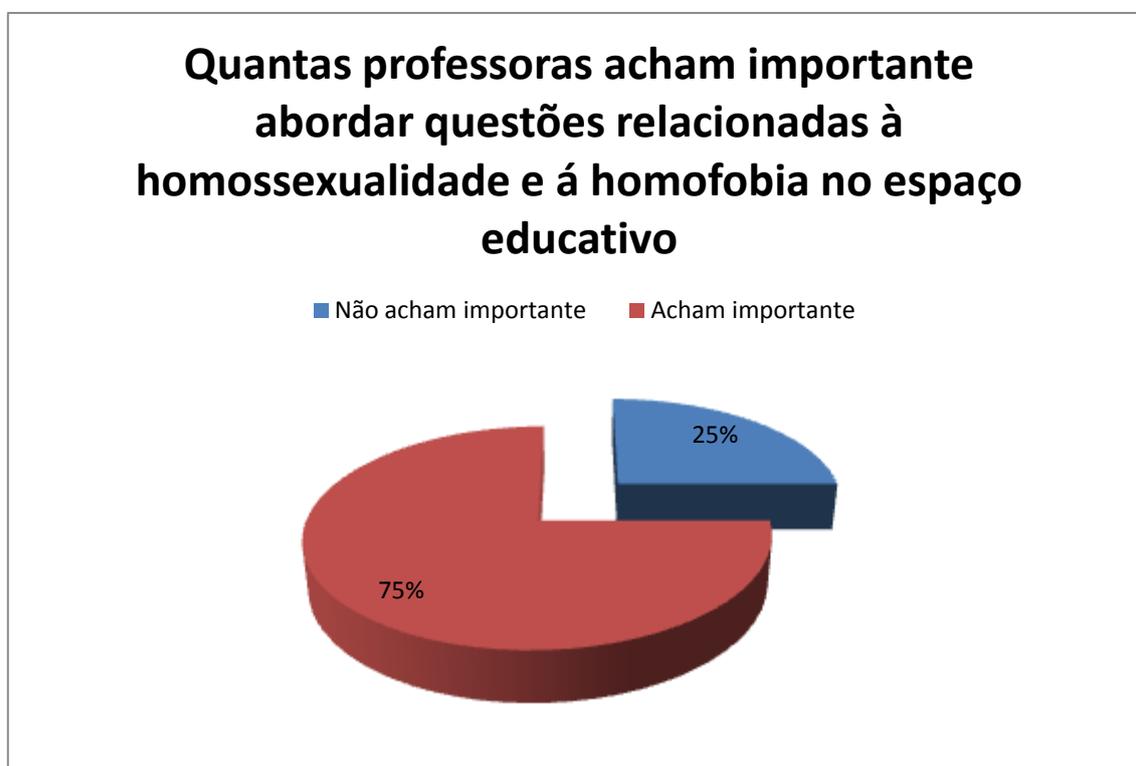


Gráfico 4 - Importância de se trabalhar homossexualidade e homofobia.

Como enfatizam os PCN (BRASIL, 1997), a escola necessita ter uma visão que integre as experiências que os/as alunos/as vivenciam dentro e fora desse, para tanto este local tem que desenvolver no alunado o prazer pelo conhecimento, para isso deve reconhecer que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade que deve visar a liberdade, que esteja ligada à vida, à saúde e ainda ao prazer e ao bem-estar que englobe as diversas dimensões do ser humano, uma sexualidade que faça com que os/as alunos/as na sua vida sexual não venham a ter dúvidas e medos.

Assim como podemos perceber nas respostas dadas pelas 21 professoras que apontam que é importante trabalhar temáticas relacionadas ao preconceito, porque a escola deve trabalhar todas as temáticas, também para que haja respeito entre os indivíduos.

As professoras apontam ser importante este trabalho dentro da escola, contudo expressam certo preconceito em suas respostas, como podemos perceber quando 1 professora respondeu (ver Apêndice II) que hoje a nossa sociedade está aberta para as pessoas tomarem as suas próprias decisões sexuais, seja qual for o sexo oposto. E que no nosso dia-a-dia iremos nos deparar cada vez mais com esse “tipo” de relacionamento.

E ainda responderam que os/as alunos/as estão inseridos/as em uma sociedade que tem tratado desse assunto com frequência, por isso a escola precisa esclarecê-lo e mostrar as conseqüências desse ato.

Em contrapartida 7 professoras argumentam não acharem relevante abordar essa temática dentro do espaço educativo porque este seria um dever da família e não da escola e ainda porque pensam que tratar dessa temática no espaço educativo não seja algo importante.

Entretanto os PCN (BRASIL, 1997) afirmam que a família não trata da sexualidade com seus/suas filhos/as por diversos motivos, ficando assim o espaço educativo responsável a realizar tal atividade, tendo em vista que a escola tem por dever educar os indivíduos e tratar de todas as temáticas, referente à vida desses, sempre visando o esclarecimento e a quebra de tabus e medos.

Em conseqüência das respostas obtidas nessa questão percebemos quão urgente se faz um adequado trabalho para com os/as professores/as referente à sexualidade, para se esclarecer dúvidas sobre o tratamento da mesma.

4.1.5. Alunos/as homossexuais presentes em sala de aula

Com essa pergunta buscamos verificar se as professoras têm em suas salas de aula alunos/as homossexuais, ou que apresentam características que foram denominadas pela sociedade de expressões homossexuais.

Você sabe se têm alunos/as homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

- 18 Professoras responderam que não, mas que se tivessem, saberiam identificar.
- 7 Professoras responderam não saber, ou não ter certeza para afirmar.

- 2 Professoras responderam que sim, têm alunos/as homossexuais em suas salas de aula, e os/as identifica pelo modo agem, se relacionam, por serem mais sensíveis, mais delicados, (no caso dos meninos).

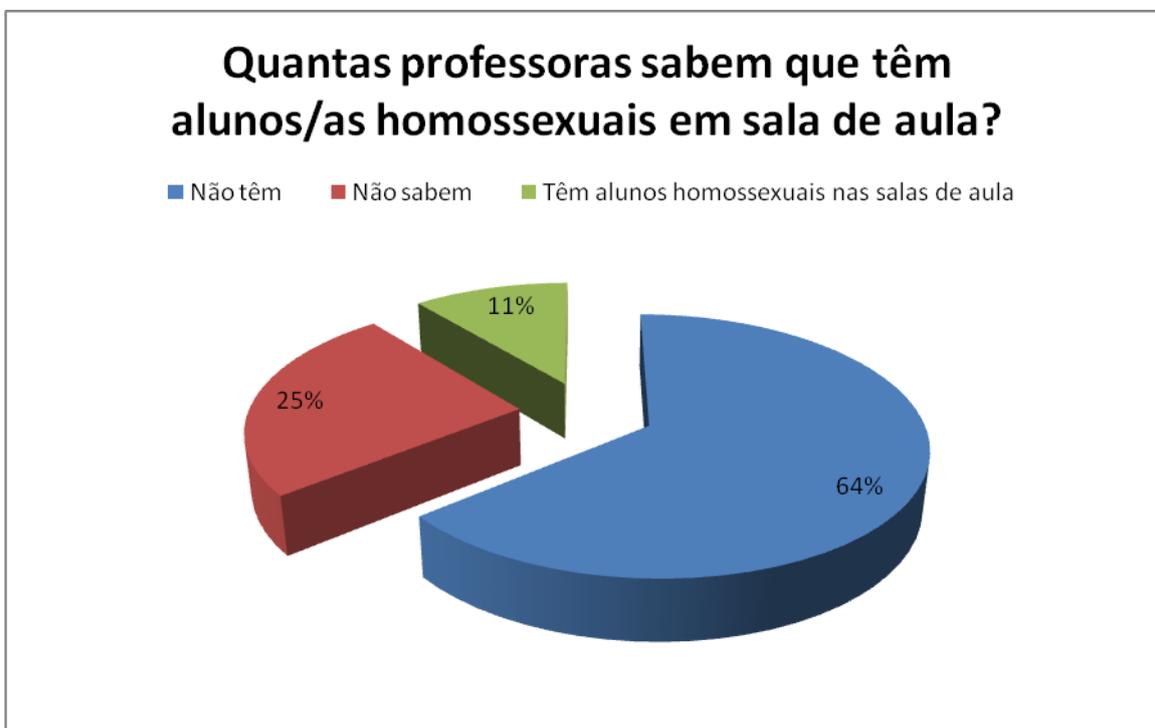


Gráfico 5 - Existência de alunos/as homossexuais em sala.

Tendo em vista que a sociedade classifica como deve ser o comportamento normal de meninos e meninas, julgando como as expressões corporais destes/as devem ser, Felipe e Bello (2009) apresentam que essa vontade de normalidade nos acompanha desde a infância, visto que vivemos em uma cultura que tende a padronizações, que define os modos de ser.

Muitas professoras acreditam que existem alunos/as homossexuais em suas salas de aula quando veem os meninos brincando com brinquedos de menina, como, por exemplo, uma boneca ou brincadeira de casinha, ou quando veem meninas brincando de carrinho, pega-pega ou lutinha, ou quando apresentam comportamentos diferentes do que deveriam apresentar, como podemos verificar em Felipe e Bello (2009, p.148)

A idéia de naturalização de determinados comportamentos em torno das masculinidades e das feminilidades está amplamente incorporada em nossa sociedade e se torna muito visível nos procedimentos escolares. Tais comportamentos, percebidos de forma essencializada (meninos são mais agitados, agressivos, meninas são mais meigas, passivas; meninos devem gostar de determinadas coisas, meninas de outras), estão pautados por

relações de poder entre os sexos desde a infância. Por exemplo, meninos que têm a voz fina ou que mostram interesse por objetos e brincadeiras de meninas, ou que têm uma postura corporal mais afeminada são vistos como homossexuais em potencial.

Observamos que 18 professoras ainda afirmam que em sua sala de aula no momento não há alunos/as homossexuais, mas acrescentam que se tivessem alunos/as com esse “problema” como citado por uma das professoras, os/as identificariam pelos gestos delicados e afeminados, no caso dos meninos.

Uma das professoras que afirmou não ter em sua sala de aula alunos/as homossexuais, acrescenta que seus/as alunos/as ainda são pequenos de 6 a 8 anos, e por isso ainda se comportam de forma característica de meninos e meninas, de acordo com seu sexo.

4.1.6. Identificação de tendências homossexuais em seus/suas alunos/as

Esta pergunta foi feita às professoras para verificar se as mesmas identificam “tendências” homossexuais, ou seja, as causas da homossexualidade e como isso é possível, tendo em vista que muitas professoras alegam conhecer as “tendências” homossexuais em seus/suas alunos/as.

Você acredita que é possível identificar *tendências* homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

- 9 Professoras acreditam não ser possível identificar *tendências* homossexuais nos/as alunos/as, pelo fato desses serem muitos/as novos/as.
- 19 Professoras responderam que identificam *tendências* homossexuais pelo fato dos/as homossexuais se comportarem diferente dos/as demais, uns apresentam comportamentos contrários aos seus de origem, outros/as são identificados/as pelos gostos, pela vestimenta, pelas brincadeiras ou ainda pelas preferências e como se posicionam perante os fatos.
- 1 Professora respondeu que identificar alunos/as com *tendências* homossexuais seria uma forma de preconceito.

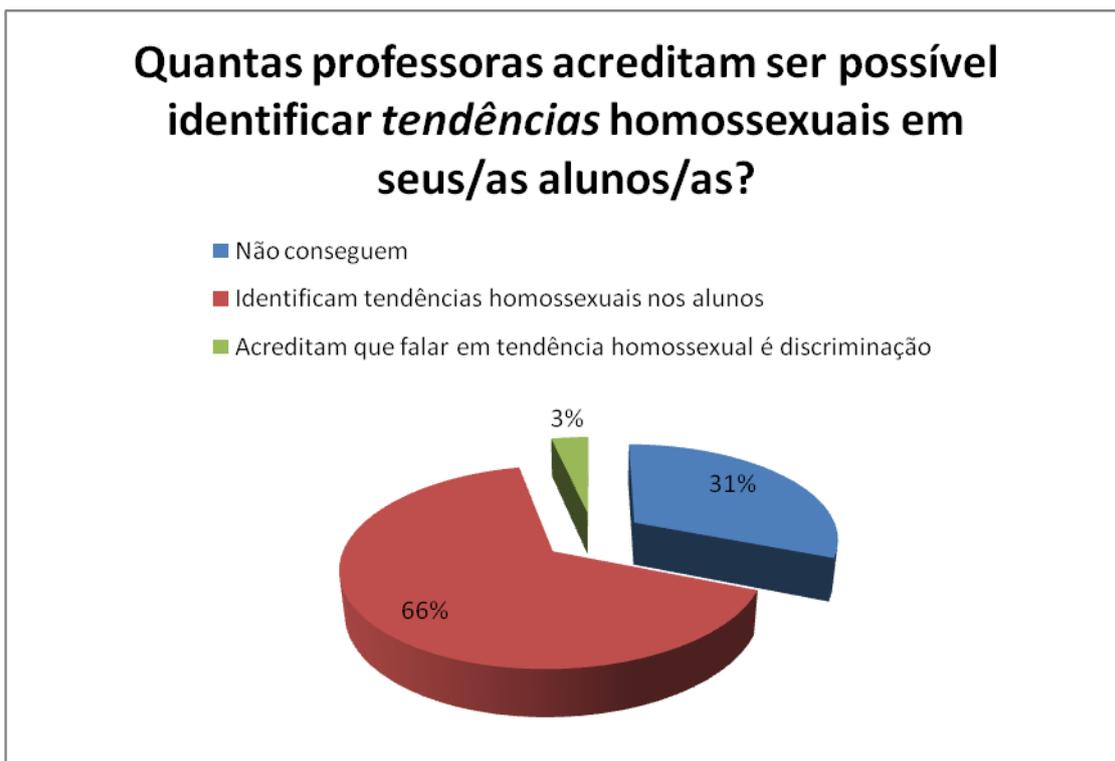


Gráfico 6 - Tendências homossexuais

Para Felipe e Bello (2009) muitas vezes há uma preocupação da escola e da família em procurar as “causas” que levam as crianças a terem determinados comportamentos, que a sociedade acaba rotulando de “*tendências*” homossexuais, muitos procuram sem cessar uma explicação, algo ou alguém para colocarem a culpa de seus/as filhos/as ou alunos/as terem se “tornado” como eles/as dizem, homossexuais.

Entretanto podemos verificar por meio das respostas obtidas que os/as professores/as nem ao menos sabem o que seriam as “*tendências*” homossexuais que os mesmos falam o tempo todo, visto que as professoras acabaram transcrevendo quase as mesmas respostas nessa pergunta e na que se refere se saberiam que têm alunos/as homossexuais em suas salas de aula.

Percebemos que as professoras confundiram “*tendências*” com “*característica*” e por isso obtivemos quase as mesmas respostas nas duas questões. Verificamos esse entendimento por meio das 19 professoras, que afirmam identificar as “*tendências*” homossexuais nos/as alunos/as pelo comportamento diferente dos/as demais, e ainda afirmam que essas crianças ou adolescentes apresentam comportamentos contrários aos seus de origem, ou apresentam gostos, vestimenta, brincadeiras e ainda preferências e posicionamentos diferentes do que deveriam ter.

E ainda por meio das respostas das 9 professoras que afirmam não ser possível identificar “*tendências*” homossexuais porque os/as alunos/as são muito novos/as.

Importante salientar que apenas 1 professora respondeu que quando falamos em “*tendências*” homossexuais nos remetemos ao preconceito, a mesma professora não explicou o porquê, entretanto acreditamos que a mesma professora deva saber

4.1.7. Presença de alunos/as homossexuais que sofrem preconceitos homofóbicos dentro do espaço educativo

Buscamos com essa pergunta verificar se os/as alunos/as que são rotulados/as dentro da sala de aula por serem homossexuais sofrem discriminação por parte dos/as colegas de sala, e o que esses/essas colegas falam ou fazem em relação a esse/essa aluno/a.

Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

- 18 Professoras responderam que não.
- 7 Professoras responderam não ter no momento, mas já tiveram.
- 3 Professoras responderam ter alunos/as que são alvo de brincadeiras e/ou piadas relacionadas a sexualidade desses/essas.

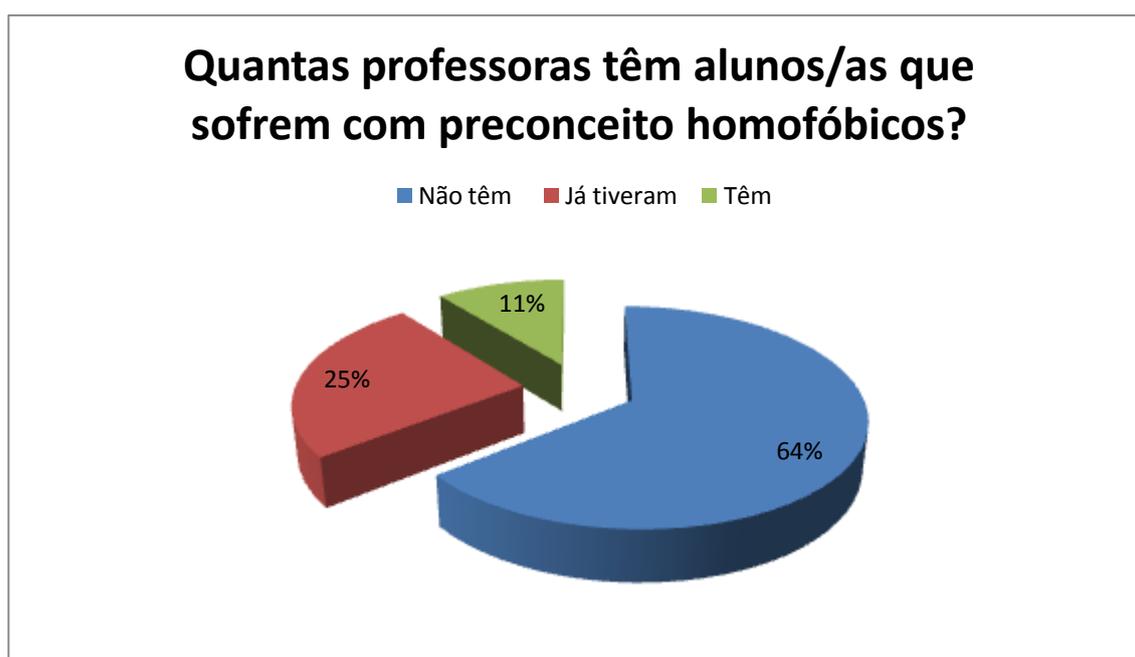


Gráfico 7 - Preconceitos homofóbicos

Conforme argumenta Junqueira (2009) na escola pessoas desde cedo se veem à volta com a “Pedagogia do Insulto”, por isso muitos/as alunos/as sofrem com o preconceito antes mesmo de se identificarem como homossexuais.

O autor ainda enfatiza não conseguir entender como pessoas que não podem existir, serem vistas, consideradas ou respeitadas e conhecidas, podem ser tão odiadas.

Sabemos que são muitos os insultos sofridos pelos/as alunos/as homossexuais e algumas professoras enfatizaram que geralmente há risadas e piadas para com esses/as alunos/as, e algumas crianças chamam as outras de bicha ou *gay*, para atormentarem umas as outras. (ver Apêndice III)

Mesmo sabendo que esses insultos acontecem o tempo todo dentro do espaço educativo, 25 professoras responderam que não têm alunos/as que são alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, talvez tenham respondido assim por não estarem atentas para seus/as alunos/as ou ainda porque como não sabem lidar com essa temática, não sabem classificar o que é preconceito e discriminação, ou ainda porque talvez seja mais fácil ignorar tais atitudes e fingir que nada acontece.

Para tanto só 3 professoras responderam que têm alunos que são alvo de preconceito em suas salas de aula, porém as mesmas não responderam como é verbalizada essa discriminação.

4.1.8. Homofobia e aprendizagem

Com essa pergunta pretendemos verificar se os/as alunos/as que são rotulados/as de homossexuais e que sofrem preconceitos homofóbicos apresentam dificuldades relacionadas à aprendizagem e como essa ocorre referente aos/às demais alunos/as, tendo em vista que todo tipo de preconceito causa danos psicológicos aos/as alunos/as e em muitos casos faz com que esses/as tenham aversão ao espaço que o mesmo ocorre, tornando sua permanência neste muito difícil.

Se você tem algum aluno que é alvo de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação aos demais?

- 16 Professoras afirmam não ter alunos/as homossexuais em suas salas de aula, logo não podem responder essa questão.

- 4 Professoras acreditam que o preconceito não deve interferir na aprendizagem, pois ela independe da pessoa ser ou não homossexual, porém os/as alunos/as que são apontados/as como homossexuais apresentam um rendimento mediano.
- 5 Professoras apontam que os/as alunos/as ao sofrerem com o preconceito tem sua auto-estima afetada e isso interfere na sua capacidade de aprendizagem, além de passarem por vários problemas emocionais que mexe com todo o psicológico da criança, essa por sua vez apresenta pouca atenção nas aulas, medo de participar oralmente, entre outros. Essas crianças são fechadas, não gostam de falar ou conversar muito.
- 1 Professora não respondeu a essa pergunta.

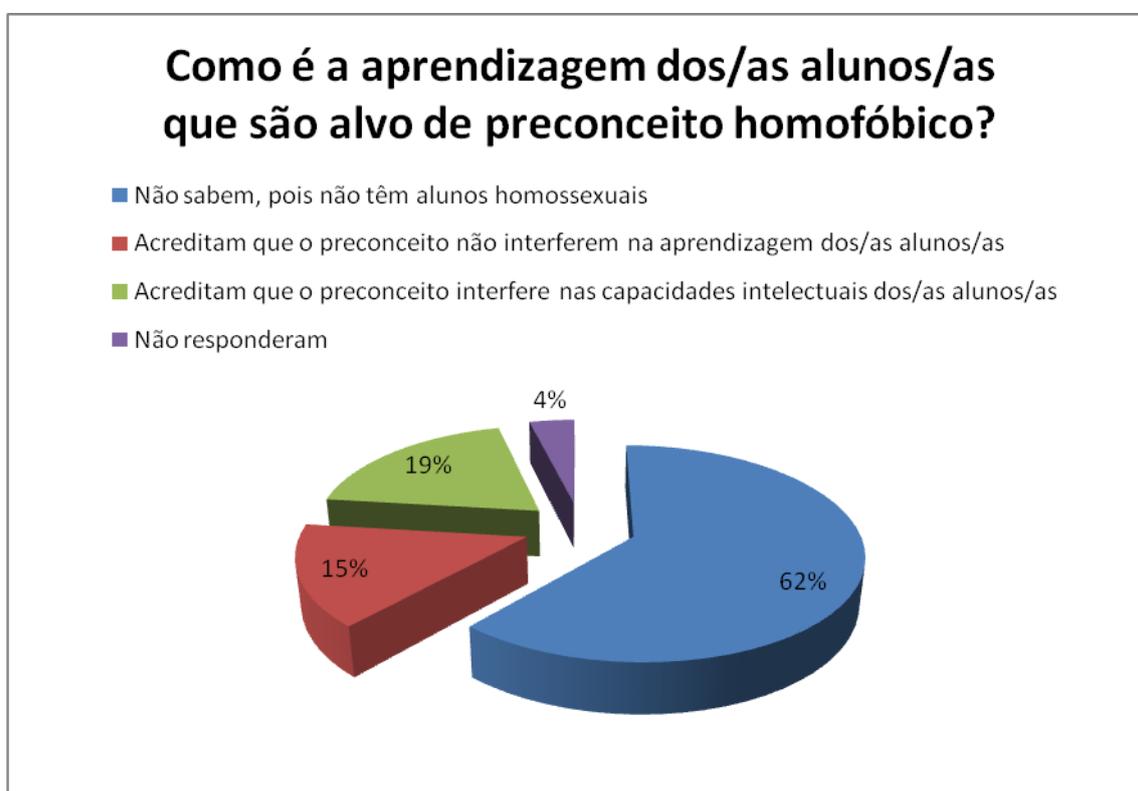


Gráfico 8 - Aprendizagem e homofobia

Para Junqueira (2009) a homossexualidade dentro do espaço educativo é tida como invisível, porque ninguém fala, explica ou trata desse assunto de forma adequada. Os livros didáticos quase não contemplam tal temática, quando contemplam não o fazem de forma adequada, o currículo não dá à devida atenção que deveria ser dada, assim a escola acaba ignorando e negando a homossexualidade.

A escola por não tratar da sexualidade acaba se tornando o lugar do desconhecido e da ignorância. Ao ignorar essa temática acaba ignorando também os danos que são causados pelo

preconceito, esquecendo que a homofobia afeta o bem-estar subjetivo, interfere no rendimento escolar, produz insegurança, medo, faz com que os indivíduos se isolem, faz com que o/a aluno/a se desinteresse pelo ambiente educativo e em muitos casos proporciona o abandono do mesmo. (JUNQUEIRA, 2009)

Podemos perceber isso nas respostas das 5 professoras que apontam que os/as alunos/as que sofrem com o preconceito em sala de aula têm sua auto-estima afetada interferindo em sua capacidade de aprendizagem, que por sua vez apresentam pouca atenção nas aulas, medo de participarem oralmente, entre outros aspectos.

As professoras ainda enfatizam que essas crianças são fechadas e não gostam de falar ou conversar muito.

Junqueira (2009) ainda enfatiza que embora possamos afirmar que a homofobia produza efeito sobre todos/as os/as alunos/as, é fato que produz muito mais nos/as que estão vivenciando o processo de construção identitária sexual, pois a homofobia gera muitos prejuízos psicológicos e físicos, e quando os/as alunos/as não saem da escola, acabam por tomar atitudes que os/as incluam junto à turma, como por exemplo, passar colas para os/as outros/as alunos/as, tornar-se o cômico da sala entre outras, porque esses/as se veem sempre obrigados/as a apresentarem algo a mais para que assim possam ser tratados/as como iguais aos/as outros/as.

Contudo o que podemos constatar com as respostas obtidas é que as professoras não estão preparadas para atuarem nas salas de aula trabalhando com a temática da sexualidade, principalmente da diversidade sexual, no caso a homossexualidade. Elas afirmam não estarem preparadas para esse trabalho por não terem tido um adequado estudo sobre o mesmo.

Também percebemos que não há muita diferença em relação às respostas das professoras das redes de ensino pública e privada, pois ambas as respostas se apresentam parecidas, sobressaindo a questão da importância de se abordar questões sobre a homofobia ou outro tipo de preconceito em sala de aula, tendo em vista que a maioria dos questionários foi respondido pelas professoras da rede pública de ensino, entretanto as professoras que mais pensam ser importante a abordagem em sala de aula sobre preconceito são as professoras da rede privada.

Por meio das respostas, podemos perceber que muitas professoras apresentam preconceitos homofóbicos e por isso não pensam que seja importante a realização dentro do espaço educativo de um adequado trabalho sobre homofobia, quer seja sistemático, explicativo, informativo sobre as temáticas da sexualidade.

Percebemos a ambigüidade nas respostas de algumas professoras quando essas responderam não poder identificar alunos/as homossexuais, por não existir regras ou cartilha para tal identificação, porém em seguida respondem que as *tendências* homossexuais podem ser identificadas por meio dos gostos da criança, das ações, das brincadeiras, da vestimenta, fala, voz, pelo jeito, pelas atitudes com os/as colegas e ainda pelas escolhas realizadas.

E ainda respondem que as atitudes e os comportamentos são os primeiros “sintomas”, da homossexualidade, ou responderam que não têm nenhum/a aluno/a na sala com este “problema”.

Salientamos que apenas uma professora respondeu que quando falamos em *tendências* homossexuais estaríamos sendo preconceituosos/as.

Outra questão que devemos levar em conta é a questão religiosa que está diretamente ligada à questão da normatização da heterossexualidade, tendo em vista que 10 questionários foram respondidos por professoras que atuam em um colégio que pertence à Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e nas resposta que obtivemos dessas professoras, podemos verificar que nenhuma respondeu que teriam alunos/as homossexuais em sala de aula.

Muitas respostas foram respondidas apenas com a palavra sim e não, indicando que as professoras não quiseram se aprofundar no assunto, mais um indício que, ou elas desconhecem a temática ou são realmente preconceituosas e preferem não responder para não demonstrar esse preconceito.

E ainda devemos levar em conta que muitas professoras não expressam o que realmente gostariam de escrever em uma pesquisa feita por meio de questionários, por muitos motivos, sendo assim não podemos ter certeza de que todas as participantes responderam o que realmente pensam e sentem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos com a finalização desta pesquisa que o espaço educativo não se encontra preparado para tratar da sexualidade, da homossexualidade e tampouco da homofobia, que Junqueira (2009) denomina de um conjunto de emoções negativas, tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo em relação a homossexuais.

Podemos constatar que esse despreparo dos/as profissionais da educação deve-se ao fato de que os/as mesmos/as não contam com estudos que aprofundem a temática da sexualidade nas graduações, pois como Gatti (2000) aponta os conteúdos curriculares são implementados de maneira que não oferecem fundamentos e práticas necessárias para se tratar de vários aspectos que fazem parte da atualidade e da vida dos indivíduos, como a sexualidade, preconceito entre outros, questões essas que são relativas a este nível de ensino.

Nesse estudo podemos verificar a trajetória percorrida para implementação da temática da sexualidade dentro do espaço educativo, verificamos que essa encontrou vários empecilhos que dificultaram seu desenvolvimento, pois o seu percurso no cenário brasileiro teve uma construção cheia de inconsistências e fragilidades e essa passou por muitas interrupções, sabemos que muitas pessoas, que atuam no contexto educativo, não se interessam, em falar, estudar, pesquisar sobre sexualidade, em contrapartida podemos contar com pessoas habilitadas, capacitadas para pesquisar e trabalhar de forma crítica e séria essa temática fascinante que faz parte da vida de todos/as.

Constatamos que a temática da sexualidade deveria estar sendo tratada e estudada dentro dos espaços educativos, pois está firmada pela lei, pois os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) deixam bem claro que essa temática, assim como outras citadas no mesmo documento são de extrema necessidade e urgência para que seja trabalhada em sala de aula. O documento apresenta vários argumentos como, por exemplo, que uma adequada sistematização da Educação Sexual possibilita a realização de ações preventivas de Doenças Sexualmente Transmissíveis, essa temática sendo trabalhada em sala de aula também viria a ajudar o/a professor/a a interagir com seus/as alunos/as jovens por meio da linguagem e porque esse tema nessa fase da vida desperta muito interesse no alunado.

Podemos citar ainda que um adequado trabalho sobre sexualidade viria a contribuir para a superação de preconceitos, valores e trazer ao alunado muito conhecimento relativo a si mesmo.

Os espaços educativos se utilizam de *slogans* do tipo, educação para todos/as, ou ainda uma educação que vise o respeito à diversidade, entretanto não é o que constatamos com a prática escolar, pois ainda falta muito para que os espaços educativos venham realmente a se comprometerem com o respeito à diversidade, que nesse espaço todos/as possam vir a ser reconhecidos/as como diferentes, mas que merecem respeito, afinal sabemos que nenhum indivíduo é igual ao outro, e sim que todos têm suas particularidades e apresentam habilidades, desejos, sentimentos, vontades, gostos que devem ser respeitados.

Pois é no espaço educativo que os indivíduos passam a maior parte do tempo, é nesse espaço que formamos comportamentos, adquirimos conhecimentos, superamos ou transmitimos valores e até mesmo preconceito e discriminação, sendo assim é indiscutível que haja com urgência um adequado trabalho sobre sexualidade dentro dos espaços educativos, que venha a contribuir com mais esclarecimentos para que os/as professores/as possam adquirir conhecimento para poder transmiti-los ao alunado com criticidade e sabedoria.

Também podemos constatar a urgência que se faz um adequado trabalho sobre a temática da sexualidade devido à aplicação dos questionários utilizados nesse trabalho, tendo em vista que encontramos dificuldades em relação às escolas que havíamos escolhido para aplicação dos mesmos, e também referente à falta de conhecimento dos/as professores/as quando apresentávamos a temática do trabalho. Entretanto podemos constatar que um trabalho que utilizamos o questionário como meio de pesquisa se torna gratificante e compensatório, pois mesmo que saibamos que algumas respostas obtidas não são totalmente verdadeiras, é certo que conseguimos perceber ao menos um pouco o que os/as professores/as pensam e sabem sobre a sexualidade, homossexualidade e homofobia.

E é mais certo ainda que constatamos quão importante se faz um adequado trabalho sobre a temática tanto nos cursos de licenciaturas, quanto dentro dos espaços educativos, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2003.

ABRAMOVAY, Mirian. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

AMARO, Ana; PÓVOA, Andréia; MACEDO, Lúcia. **A arte de fazer questionários**. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Departamento de Química. Metodologia de Investigação em educação. Disponível em: http://nautilus.fis.uc.pt/cec/esjf/wp-content/uploads/2009/11/elab_quest_quimica_up.pdf. 2004/2005, 10.p. Acesso em 24 Ago. 2011.

AUAD, Daniela. **Os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Temas Transversais**. 2005. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15:os-parametros-curriculares-nacionais-e-os-temas-transversais&catid=4:educacao&Itemid=15. Acesso em: 29 Set. 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**, Lisboa: Ed. 70, 2007.

BICUDO, Maria Aparecida Viggani. **Formação de Professores?** Da incerteza à compreensão, Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Diversidade sexual: um espaço importante de discussões na escola. *In*: CHAVES, Marta, SETOGUTTI, Ruth Izumi, MORAES, Silvia Pereira Gonzaga de. **A formação do professor e intervenções pedagógicas humanizadoras**. Curitiba: Instituto memória, 2010, p. 203-214.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, educação sexual. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem homofobia**: Programa de Combate à violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2004.

BONI, Valdete e QUARESMA, Silvia Jurema. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais, v.2, n.1, jan/jul. 2005, p.68-80. Disponível em http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf. Acesso em 29 Ago. 2011.

CHINI, Marli Aparecida de Lima. **A construção pedagógica dos anos 80 e 90 (do século xx) no Brasil e no estado do Paraná:** o currículo básico para a escola pública do estado do Paraná e os parâmetros curriculares nacionais. Seminário Nacional, Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascavel, PR, 2011. Disponível em :<http://cacphp.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Educacao/eixo1/46marliaparecidadelimachini.pdf>. Acesso em: 25 Set. 2011.

FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre Toaldo. Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil. *In:* JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 141- 158.

FELIPE, Jane. Proposta Pedagógica. *In:* BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. **Salto para o futuro. Educação para igualdade de gênero**, 2008, p.03-14.

FERRARI, Anderson. Diferença, igualdade e formação de identidade no contexto escolar. Revista de Estudo e Pesquisa em Educação Instrumento, Juiz de Fora, v. 2, n.1, p. 87-100, maio 2000. *In:* **Projeto de pesquisa financiado pela UFJF** – Universidade Federal de Juiz de Fora.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual:** retomando uma proposta, um desafio. Londrina: Eduel, 2010.

GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de professores e carreira:** problemas e movimentos de renovação. 2ª Ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2000.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. *In:* JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 26-39.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros? *In:* _____. **Homofobia & Educação:** um desafio ao silêncio. (org) Brasília: Letras Livres-EdUnB, 2009, p. 9-14.

MARAVIESKI, Edilma Lechmann e REIS, Dálcio Roberto dos Santos. XXVIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. **Avaliação de resistência à mudança em processos de inovação: a construção de um instrumento de pesquisa**, Rio de Janeiro, out. 2008. Disponível em http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_TN_STO_087_569_11898.pdf. Acesso em: 28 Ago. 2011.

MELO, Andréia Silene Alves Ferreira. Sexualidade e universidade: conhecendo um pouco mais. *In:* RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. (Org.) **Gênero, sexualidade e educação sexual em debate**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, 120 p. (série Temas em Educação Escolar, 12).

PONTES, Vera Maria Rodrigues, *et al.* **Análise das metodologias e técnicas de pesquisas adotadas nos estudos brasileiros sobre Balanced scorecard: um estudo dos artigos publicados no período de 1999 a 2006.**

APENDICES

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Considerando a Resolução nº. 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Estadual de Maringá. Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada “**A homofobia e a aprendizagem: desafios e questionamentos na educação escolar**”. A sua colaboração será imprescindível para o desenvolvimento deste estudo. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou metodologia utilizada, estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos. Caso não queira participar do estudo ou desistir, você tem toda a liberdade para fazê-lo, sem qualquer penalização. Sua participação se dará por meio do preenchimento de um questionário sobre a temática em questão. Se estiver de acordo em participar, garantimos que as informações serão tratadas com a impessoalidade (anonimato) devida, bem como serão utilizadas apenas para os fins específicos desta investigação acadêmica. Você não será identificado(a) em qualquer trabalho ou divulgação científica utilizando os dados desta pesquisa. Não há benefício direto previsto. Como resultado de sua participação, no entanto, acreditamos que eles contribuirão para o maior conhecimento acerca da temática da homofobia no âmbito da escola. Também não são previstos danos ou desconfortos inaceitáveis por sua participação, que se dará em conformidade ao que já foi descrito neste termo. A sua participação é voluntária, e não há gastos ou pagamento relativos à mesma.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de mais esclarecimentos, poderá contatar a responsável pela pesquisa, no endereço abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisas da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e nos colocamos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos.

Prof^a. Dra. Eliane Rose Maio

Eu, _____, após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo com a Prof^a. Dra. Eliane Rose Maio CONCORDO VOLUNTARIAMENTE, participar do mesmo.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura

Eu, Prof^a. Dra. Eliane Rose Maio, declaro que forneci todas as informações referentes do estudo ao/à entrevistado/a.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura

Equipe (Incluindo pesquisadora responsável):

1- Nome:

Eliane Rose Maio

Endereço Completo: Av. Colombo, 4750

Telefone: (44) 32632770

Zona Sete

2- Nome:

Joice Evellyn Alves Tasca

Endereço Completo: R: Itaipu, 556 Jrd. Ebenezer

Telefone: (44) 32280290

Qualquer dúvida ou mais esclarecimentos procurar um dos membros da equipe da pesquisa ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – BCE – Campus Central – Telefone: (44) 3261-4444.

APÊNDICE II

Questionário para os professores/as

Sexo:

Idade:

Graduação:

Há quanto exerce o Magistério:

Disciplina que ministra:

- 1- Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?
- 2- Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações?
- 3- Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?
- 4- Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia?
- 5- Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?
- 6- Você acredita que é possível identificar *tendências* homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?
- 7- Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?
- 8- Se você tem algum aluno que é alvo de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação aos demais?

QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS NA INTEGRA**QUESTIONÁRIO DA ESCOLA MUNICIPAL MAESTRO ANICETO MATTI****SEXO: FEMININO****IDADE: 37 ANOS****GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA, LICENCIATURA PLENA****EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 8 ANOS****MINISTRA ALFABETIZAÇÃO**

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, Não somente nas graduações, mas também na infância e principalmente na adolescência por ser uma fase que os jovens estão na puberdade com os hormônios a flor da pele. Com boas orientações eles não correrão o risco de aprenderem de forma errada com colegas na escola, na internet ou através da mídia etc. A falta de diálogo entre pais e filhos pode comprometer ou mudar o curso da vida de um jovem.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Não.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Não.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Até o presente momento não há nenhum aluno na sala com este problema, eu os identifico por seus gestos delicados e afeminados.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, observando a diferença de comportamento e atitudes contrárias dos outros meninos ou meninas.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados á sexualidade?

Não no momento.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

A aprendizagem varia de aluno para aluno dependendo do grau de inteligência e da capacidade de cada um, independente de ser ou não homossexual.

SEXO: FEMININO

IDADE: 40 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA INCOMPLETO (CURSANDO)

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 10 ANOS

MINISTRA ALFABETIZAÇÃO

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, para que possamos ter noção de como abordar este tema em sala de aula quando forem necessários.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Não.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia, Por quê?

Não, pois a própria mídia faz a mascaração (*sic*) do tema, ficando complicado desmistificá-lo em sala de aula.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não sei.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Não.

7. Você tem algum alunos que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados á sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvo de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não.

SEXO: FEMININO

IDADE: 26 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA LICENCIATURA PLENA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 4 ANOS

MINISTRA ALFABETIZAÇÃO

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, porque os alunos estão cada vez mais estimulados ao lado sexual, devido aos programas e propagandas de televisão.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Sim, só quando é necessário como conteúdo do 4º bimestre, Sistema Reprodutor ou em momentos em que se fizer necessário o assunto.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia, Por quê?

Sim, porque para respeitarem as pessoas como seres humanos sujeitos de amor, respeito e cidadãos.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não tenho alunos homossexuais.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Acho que não é possível neste momento devido ao fato de serem crianças menores de 12 anos.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não tenho.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não tenho.

SEXO: FEMININO

IDADE: 39 ANOS

GRADUAÇÃO: SUPERIOR COMPLETO

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 20 ANOS

MINISTRA ENSINO FUNDAMENTAL

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não na Pedagogia, tive a matéria de biologia que relacionava questões ao corpo humano, órgãos genitais etc. Mas, nada específico que na graduação a respeito do assunto tratasse da Educação sexual, Tive oportunidade de ouvir mini-palestras.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, porque poderá orientar, dar dicas e conhecimentos de como lidar com situações que surgem em sala de aula, de forma adequada, sobre educação sexual. Enfim, dará suporte necessário à futura docente.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Sim, através da higiene corporal, o uso do banheiro, vestuário, nosso corpo e diferenças etc. As aulas são através de livros de literatura infantil, ilustrações, de acordo com a faixa etária, e a linguagem ao tratar o assunto com os alunos também deve ser de acordo.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, porque com crianças pequenas ensinamos sobre as diversidades, cultura e o preconceito que não podemos ter com outras pessoas “de como elas são”, e sim o respeito com os outros na sua maneira de agir e ser na sociedade.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não tenho alunos homossexuais que eu saiba, mas a identificação não é confirmação, seria apenas atitudes, gostos nas brincadeiras, jeito de falar, a voz etc.

Obs.: Na educação com crianças pequenas.

6. Você acredita que é possível identificar tendências Homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, são hipóteses, que levam o professor a dialogar com o aluno e explorar o respeito mútuo em sala, como também trabalhar os preconceitos em geral. Entretanto a identificação para mim na infância parte de investigação no cotidiano dos gostos da criança, ações, brincadeiras, vestimenta, fala, voz etc.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não

SEXO: FEMININO

IDADE: 39 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 11 ANOS

MINISTRA TODAS DO 1º AO 5º ANO

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Sim, muito pouco, pelo professor de ciências, na 5ª série, e depois no 2º grau.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, para que o futuro profissional seja (*sic*) melhor preparado para trabalhar essa questão em sua prática, já que se tornou moda às pessoas contrariarem aquilo que a mãe natureza já se lhe (*sic*) determinou.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Sim, dependendo do contexto trabalhado, colocamos que todas as pessoas são livres para fazer suas escolhas, e que, todas estas nos trazem conseqüências boas ou ruins.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, reiteramos que todas as pessoas são livres para fazerem suas escolhas e devem ser respeitadas como seres humanos.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Como a nossa clientela ainda está na infância, muito raramente percebemos alguns meninos com comportamentos mais delicados, mas acredito que outros fatores como seu convívio familiar só com a mãe, por exemplo, deva ser considerados antes de enxergar uma criança como homossexual.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Reiteramos a resposta anterior e acrescentamos que pelo comportamento assemelhado ao do sexo oposto ao seu, muitos professores dizem identificar tendências homossexuais em tal assunto.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados á sexualidade?

Sim.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

A aprendizagem do aluno é mediana, porem já ouvimos relatos de colegas de profissão sobre meninos com tendências afeminadas, serem muito caprichosos e meninas com tendências masculinas serem desorganizadas, mas esta questão em ambos, não trazem conseqüências muito significativas para suas aprendizagens.

SEXO: FEMININO

IDADE: 59 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 21 ANOS

MINISTRA ENSINO FUNDAMENTAL

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Sim, para entender concepção e procriação.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Para esclarecer dúvidas que por certo surgirão com a idade de afloramento.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Quando surgem questões ou questionamentos, pelos alunos. Fora isto, apenas para saber sobre órgãos: masculino, feminino e macho/fêmea.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Para prevenir discriminação de toda e qualquer etnia.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, superficialmente, pelas preferências do aluno.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados á sexualidade?

Sim.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação a aprendizagem?

Na aprendizagem, sai se muito bem tornando homogêneo o aprendizado.

SEXO: FEMININO

IDADE: 47 ANOS

GRADUAÇÃO: 3º GRAU

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 26 ANOS

MINISTRA 1º A 4ª SÉRIE

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, porque há questões que precisam ser vistas, ou seja, estudadas com certa profundidade.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Sim, todas às vezes que o assunto é abordado pelos alunos.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, porque as crianças muitas vezes já são preconceituosas.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não, porque devido à idade é difícil dar indicativa que será no futuro.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, devido aos próprios trejeitos e da forma que os alunos se posicionam aos desejos e anseios.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados á sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação a aprendizagem?

Não.

SEXO: FEMININO

IDADE: 53 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 22 ANOS

MINISTRA 1º AO 5º ANO

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, porque na televisão e na mídia este assunto é abordado a todo o momento.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Sim, quando é necessário, quando o assunto é abordado pelos alunos.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, porque é o assunto do momento, estamos falando dele a todo o momento, então se o alunos perguntam, por que não falar?

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Acho que tem um, pelo modo de agir e a delicadeza.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, pela experiência ao longo do tempo de trabalho e pela resposta obtida com alunos que já se tornaram adultos e são homossexuais.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não, porque os alunos são inocentes e ainda não têm maldade.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação a aprendizagem?

O aluno citado na questão numero 5, não é alvo de preconceito é um aluno bom, amigo de todos, mas tem dificuldade na aprendizagem.

SEXO: FEMININO

IDADE: 42 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 20 ANOS

MINISTRA TODAS AS DISCIPLINAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, para que o profissional de educação possa orientar seus alunos, e saber como lidar com situações que surgirem na sala de aula.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Sim, quando surge alguma questão levantada por alunos, quando é oportuno em alguns conteúdos. Quando se trabalha questões referentes a individualidades e respeito com escolhas.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, quando trabalhamos a diversidade para que aprendam sobre o respeito ao outro, mesmo sendo crianças pequenas devem estar refletindo sobre seus direitos assim como o dever de respeitar o outro.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não, ainda são pequenos de 6 a 8 anos, ainda se comportam de forma característica de meninos e meninas, de acordo com seu sexo.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, acredito que algumas crianças podem apresentar alguma tendência homossexual, quando vão crescendo e que são identificadas através de atitudes, gestos e posturas deferentes de outras crianças do mesmo sexo.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Nesta turma não, mas já tive há alguns anos atrás, hoje é um adulto homossexual assumido e parece ser muito feliz e seguro.

8. Se você tem alunos que são alvo de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não, nesta turma não, mas quanto ao aluno referido na questão 7, este era alvo de preconceito, porém se mostrava firme e não se deixava abater com a postura dos colegas, sua aprendizagem foi dentro da normalidade.

SEXO: FEMININO

IDADE: 28 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 6 ANOS

MINISTRA AS DISCIPLINAS DO 1º AO 4º ANO, DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Sim, mas foram temas abordados e não uma matéria específica.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, principalmente nas graduações que irão trabalhar com as escolas e em sala de aula.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Sim, trabalho com crianças menores na educação infantil, principalmente e de acordo com essa idade, procuro trabalhar as diferenças no menino e menina, ensino a cuidar do corpo e a respeitar o corpo do outro.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia, Por quê?

Sim, eu acho importante, não só a homofobia, mas também todos os outros tipos de preconceitos, para evitar a exclusão.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Ainda não consigo identificar pelo fato de se tratar de crianças de educação infantil.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Eu acho que sim, alguns alunos podem manifestar alguns comportamentos homossexuais, mas isto deve ser investigado, pois depende de vários fatores como, por exemplo, uma referência familiar masculina ou feminina.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não.

SEXO: FEMININO

IDADE: 44 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 10 ANOS

MINISTRA A DISCIPLINA DO 2º ANO, DO ENSINO FUNDAMENTAL.

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, para prevenir e orientar os jovens.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Não.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Não sei dizer.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não sei.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, pelo jeitinho.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

No momento não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não.

NÃO PREENCHEU

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, para saber trabalhar com os alunos, sejam eles de qualquer idade.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Sim, em todos os momentos possíveis e como sou professora de 1º a 4º, 5ª a 8ª e Ensino Médio, tenho muitas oportunidades e facilidade de abordar os assuntos.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia, Por quê?

Sim, porque temos que trabalhar a igualdade entre os seres humanos.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não sei e não tenho o porquê identificá-los.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Nos dias atuais não.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Sim, vários.

8. Se você tem alunos que são alvo de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Esses alunos têm medo de participar oralmente, tem um garoto muito inteligente com uma compreensão excelente na minha disciplina, mas não fala muito, prefere escrever.

SEXO: FEMININO

IDADE: 37 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 15 ANOS

MINISTRA TODAS AS DISCIPLINAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, pois temos que falar sobre esse assunto até mesmo com os pais em alguns casos, precisamos de instruções, além de saber como falar na linguagem que não pensa para as crianças.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Não. Normalmente não, são pequenos e quase não falam sobre o assunto, a não ser quando os meninos querem ficar mais perto das meninas, beijar ou passar a mão nelas.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

No momento com minha turma que é de 2º ano, não acho necessário.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não que eu tenha percebido, ou que tenham me falado.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Saber com certeza não dá, mas há suspeitas pelo jeito de falar, brincar com as meninas, comentários em relação ao mesmo sexo etc. No entanto essas características não podem dizer se essa criança se tornará ou não homossexual.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Neste ano não, mas já tive um caso ano passado, com um aluno da terceira série.

8. Se você tem aluno que são alvo de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

A aprendizagem do único aluno que tive foi normal, apesar do aluno apresentar pouca atenção, concentração na realização das atividades em casa e na sala de aula.

SEXO: FEMININO

IDADE: 37 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 15 ANOS

MINISTRA AS DISCIPLINAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, gostaria de ter estudado para ter embasamento teórico.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Não.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, para evitar conflitos por falta de esclarecimentos.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não sei.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Nem sempre, é difícil identificar, pois nem sempre o comportamento corresponde exatamente ao que a pessoa é ou será.

7. Você tem algum alunos que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não, as crianças costumam chamar os colegas de gay e bicha, mas não um especificamente, insultam a todos para atormentar.

8. Se você tem alunos que são alvo de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não tenho no momento.

SEXO: FEMININO

IDADE: 31 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 22 ANOS

MINISTRA A DISCIPLINA DE ARTES

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Sim, por meio de textos e discussões.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, para obter boas informações.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Não.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Não vejo importância.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Não.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados á sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não.

SEXO: FEMININO

IDADE: 34 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 8 ANOS

MINISTRA AS DISCIPLINAS DO 3º ANO

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, para mais esclarecimentos.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Não.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Não.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Acho que não por serem muito crianças.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, pelo jeito de agir, pelas conversas.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

SR.

SEXO: FEMININO

IDADE: 45 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA LICENCIATURA PLENA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 6 ANOS**MINISTRA AS DISCIPLINAS DO 1ª A 4ª SÉRIE**

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Sim, nos debates e seminários acerca de diferenças, preconceito, gêneros.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, para que por meio de conversas e debates as pessoas possam enxergar que o outro pensa diferente.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Não, porém se o tema surgir converso com naturalidade, pois todos têm o direito de defender sua opinião.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Acho importante, visto que todos têm livre arbítrio para direcionar suas vidas

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não sei, pois não existe regras ou cartilha para identificar essas pessoas.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Talvez, existem pessoas que demonstram suas preferências e as declaram, mas às vezes identificar nos induz ao engano.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não.

SEXO: FEMININO

IDADE: 26 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA UEM

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 6 ANOS

MINISTRA AS DISCIPLINAS DO 1º AO 4º ANO, DO ENSINO FUNDAMENTAL.

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não estudei, infelizmente.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Acredito ser de suma importância estudar esta temática porque auxiliaria o nosso olhar para esta questão e nos mostraria formas de trabalhar com os alunos.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Dificilmente, pois apesar de todo o enfoque dado a esta questão, ainda é um assunto muito delicado a ser tratado na escola que gera certos transtornos aos pais, já que cada um aborda de uma forma esta questão com seus filhos.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja a homofobia. Por quê?

Sim, pois não devemos estimular ou incentivar o preconceito e educando os nossos alunos desde pequenos, mostramos a eles que devemos respeitar todos sem nenhuma restrição.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Na verdade consigo perceber algumas características nos alunos, mas não posso identificá-los, mesmo porque acredito não ser essa a minha função em sala de aula.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos?

Sim, percebemos através de atitudes com os colegas, por meio de brincadeiras e também pelas escolhas realizadas por eles.

7. Você tem algum alunos que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados á sexualidade?

Não, no momento ainda não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação a aprendizagem?

Se tivesse acredito que sua aprendizagem estaria dentro da normalidade de qualquer outro aluno, pois não seria o preconceito um empecilho ao seu desenvolvimento.

COLÉGIO MARISTA

SEXO: FEMININO

IDADE: 43 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 17 ANOS**MINISTRA AS DISCIPLINAS DA ED. INFANTIL, ENSINO FUNDAMENTAL**

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, pois prepara o professor para lidar com questões como a descoberta do seu corpo na Ed. Infantil e com questões da puberdade, no Ensino Fundamental I.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Com as crianças pequenas, apenas quando ocorrem situações de curiosidade, normalmente trabalho com histórias infantis que abordam o tema, busco usar os termos corretos com relação ao corpo, explicando com naturalidade.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Acho importante e fundamental trabalhar o respeito, a ética e a moral, quando entendemos que ninguém é pior, ou melhor, por ser diferente no seu modo de agir, pensar ou viver, estaremos ensinando a respeitar as pessoas, independentemente da sua opção sexual.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não, porque trabalho com crianças.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Dizer que identificamos alunos com tendências homossexuais não seria uma forma de discriminação.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação a aprendizagem?

Não, mas se houver devemos ter muita paciência com essas crianças, pois nós professores temos muito poder sobre as crianças, pois somos exemplos para elas.

SEXO: FEMININO

IDADE: 26 ANOS

GRADUAÇÃO: PÓS GRADUAÇÃO

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 7 ANOS**MINISTRA TODAS AS DISCIPLINAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Sim, mas acredito que foi um estudo superficial, sem dar ênfase à homofobia.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, porque é um tema cada vez mais presente e atual na realidade escolar que vivenciamos.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Raramente, às vezes alguns alunos fazem alguns comentários referentes a homossexuais que viram na TV, por exemplo, e eu digo sempre que é preciso respeitar a todos igualmente, sem me aprofundar no assunto.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, pois como já citei anteriormente é um tema que vem cada vez mais à tona e precisamos estar preparados e capacitados para tratar do mesmo com respeito, sem fazer juízo de valor.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Se tenho não identifiquei, principalmente devido a faixa etária deles, na maioria das vezes, quando há casos, percebemos pelas atitudes e pelo comportamento.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, Acho que as atitudes e comportamentos é um dos primeiros “sintomas”, se é que pode ser chamado assim. Acredito que deve haver outras formas, mas desconheço.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvo de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não tenho alunos que sejam alvos diretamente, mas há brincadeiras referentes ao jeito delicado de alguns.

SEXO:FEMININO

IDADE: 44 ANOS

GRADUAÇÃO: HISTÓRIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 23 ANOS

MINISTRA AS DISCIPLINAS DO 2º ANO DOS 9

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, porque ainda é um assunto que gera polêmica e causa dúvidas, como abordar na sala de aula o tema, já que cada família tem sua maneira de orientar os filhos.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Só se houver questionamentos por parte dos alunos. Converso normalmente tentando esclarecer as dúvidas.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, para evitar a violência e explorar o preconceito que geralmente se tem sobre a opção sexual das pessoas.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não sei.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, essa identificação pode ser feita através da observação comportamental dos alunos, como do seu jeito.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não, ainda bem que não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não.

SEXO: FEMININO

IDADE: 47 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 20 ANOS

MINISTRA AS DISCIPLINAS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não me lembro de ter estudado, mas já fiz cursos e gostei muito porque foram esclarecedores e contribuíram para minha atuação docente.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Eu considero importante pelo fato de estar diariamente no convívio e conduta de crianças, sendo importante saber a forma correta de trabalhar com esse assunto.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Sim, de maneira simples, objetiva, esclarecendo as dúvidas que surgem, sem colocar mais “dúvidas” na cabecinha das crianças, ou deixá-las curiosas antecipadamente. Penso que é importante esclarecer o que perguntam e pronto.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, porque esse é um assunto que está relacionado com o comportamento de algumas pessoas na sociedade e essas pessoas podem ser da família de nossos alunos.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Nesse ano, acredito que não. É possível identificar pela forma que se comportam e se relacionam etc.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Não sei dizer.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Bem, nas minhas observações não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação a aprendizagem?

Todos os alunos que são alvos de preconceito têm sua aprendizagem afetada, porque o aluno está ou passa por problemas emocionais que precisam ser resolvidos.

SEXO: FEMININO

IDADE: 40 ANOS

GRADUAÇÃO; PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 20 ANOS

MINISTRA TODAS AS DISCIPLINAS ATÉ A 4ª SÉRIE

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim. Porque ainda existem pessoas que não aceitam, mesmo sendo cultas, temos o exemplo do jornalista “Cleber” da novela das 8.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Trabalho com crianças de 8 anos, até o momento não houve a necessidade de trabalhar este tema.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia, Por quê?

Sim. Porque hoje a nossa sociedade está aberta para as pessoas tomarem as suas próprias decisões sexuais, seja qual for o sexo oposto. É no nosso dia-a-dia iremos nos deparar cada vez mais com esse tipo de relacionamento.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, por que a maneira como eles se relacionam com o sexo oposto.

7. Você tem algum alunos que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados á sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvo de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não tenho nenhum aluno que eu saiba.

NÃO PREENCHEU

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim. Porque precisamos nos atualizar mediante as situações vivenciadas no cotidiano, saber direcionar de acordo com as necessidades que surgem.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Por se tratar de alunos pequenos, a sexualidade é abordada por meio dos conteúdos.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, pois há atualmente uma abordagem muito grande por meio dos meios de comunicação sobre o assunto e a escola não pode ficar à margem da situação.

5. Você sabe se tem alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não há observação até o momento.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, pelos gostos em materiais, músicas, apresentações, acessórios que utiliza.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação a aprendizagem?

Não.

NÃO PREENCHEU

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Muito superficial.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, pois sairemos mais preparados para questões em sala de aula.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Às vezes quando necessário.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, pois os alunos precisam entender os conceitos e vivenciar os preconceitos.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Acredito que sim, pois demonstram ser mais sensíveis.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Sim, crianças tendem a se comportar diferente.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação a aprendizagem?

Não.

SEXO: FEMININO

IDADE: 33 ANOS

GRADUAÇÃO: PÓS GRADUAÇÃO

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 15 ANOS

MINISTRA AS DISCIPLINAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I (5º ANO)

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim. A metodologia a ser utilizada é minha maior dúvida.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Ainda não.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Acredito que não, pois isso é um dever da família e não da escola.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Acredito que sim, por algumas preferências específicas às mulheres.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação à aprendizagem?

Não.

SEXO: FEMININO

IDADE: 39 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 20 ANOS

MINISTRA TODAS AS DISCIPLINAS REFERENTE AO ENSINO FUNDAMENTAL I

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Não.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Não, pois acredito que todos os alunos já deveriam ter essa formação, valores que são passados pela família e pela igreja na qual ele pertence.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Sim, quando aparece o assunto, sentamos e conversamos sobre o assunto, sempre respeitando o direito do outro de escolha, mas passando o que temos quando fazemos escolhas inapropriadas para nossa vida.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia, Por quê?

Sim, pois todo adulto tem direito a suas escolhas e devemos respeitá-los mesmo não concordando.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não. Todos são crianças e ainda não fizeram nenhuma opção sexual, não pensam nisso.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Não, os meus alunos são muito pequenos e ainda estão em formação.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

Não, mas já vi muitas crianças rirem, por crianças, serem, mais afeminadas ou masculinizadas.

8. Se você tem alunos que são alvos de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação a aprendizagem?

Não tenho, mas acredito que qualquer pessoa que é alvo de qualquer preconceito, tem sua auto-estima diminuída e isso faz com que ela diminuía sua capacidade ou aprendizagem.

SEXO: FEMININO

IDADE: 24 ANOS

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA

EXERCE O MAGISTÉRIO HÁ 3 ANOS

MINISTRA AS DISCIPLINAS DE PORTUGUÊS, MATEMÁTICA, CIÊNCIAS, HISTÓRIA, GEOGRAFIA E ENSINO RELIGIOSO.

1. Em sua formação acadêmica você já estudou educação sexual? Se a resposta for sim, como foi?

Sim, mas por meio de apenas uma palestra.

Na graduação esse assunto foi abordado de forma restrita.

2. Você acha importante ter estudos sobre educação sexual nas graduações? Por quê?

Sim, pois no exercício de sua função, os docentes provavelmente irão se deparar com situações e questionamentos que envolvam a sexualidade e deverão estar preparados para isso.

3. Você aborda questões sobre sexualidade em sua sala de aula? Como isto é realizado?

Abordo somente quando surgem questionamentos ou quando o conteúdo oportuniza tal assunto.

4. Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado à homossexualidade, ou seja, a homofobia. Por quê?

Sim, porque os alunos estão inseridos em uma sociedade que tem tratado desse assunto com frequência, precisamos esclarecê-lo e mostrar as consequências desse ato.

5. Você sabe se têm alunos homossexuais em sua sala de aula? Como os identifica?

Não sei, com a faixa etária que trabalho acho difícil identificar alunos homossexuais.

6. Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais nos alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?

Creio que nas crianças não é possível.

7. Você tem algum aluno que é alvo de piadas e/ou preconceito em sala de aula, por motivos relacionados à sexualidade?

No momento não.

8. Se você tem aluno que são alvo de preconceito, como é a aprendizagem deste em relação a aprendizagem?

O preconceito mexe com todo o psicológico da criança.